

PRIMEIRA SEÇÃO

DOCUMENTOS NARRATIVOS

Apresentação

O padre Júlio Barberis – nomeado por Dom Bosco em 1874 como primeiro professor de pedagogia dos jovens salesianos – exprime este autorizado juízo nos Apontamentos de pedagogia sagrada utilizados nas suas lições: “O nosso grande Pai nos deixou um sistema de educação em pequeníssima parte por escrito, mas na maior parte impresso na mente e nos corações de todos nós que tivemos a dita de conviver com ele por vários lustros”¹.

Dessa documentação amplamente documentada emerge a importância que contém os relatos e os testemunhos referentes à prática educativa de Dom Bosco; e, de modo particular, o interesse dos documentos narrativos em que ele mesmo manifesta as suas experiências entre os jovens dos bairros turinenses, e não só isso. Consideradas as peculiaridades de tais escritos, julgou-se necessário – como já se acenou na Introdução geral – situá-los em seções diferentes do volume. Na primeira parte, por exemplo, ocupam um lugar de relevo os textos: Síntese histórica do Oratório de São Francisco de Sales (1854) e Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales (1862), sobre a origem e o desenvolvimento da Obra oratoriana e salesiana. Ao passo que na quarta parte do volume, o leitor encontrará diversos escritos de Dom Bosco de índole biográfica e autobiográfica. Entre os quais devem ser postas em relevo e apreciadas as Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855), publicadas depois da morte do autor.

Nesta segunda parte do volume está inserido antes de tudo “um curioso episódio contemporâneo”, intitulado: A força da boa educação (1855). No relato se encontram diversas alusões à participação do jovem Pedro – protagonista principal da narração – em atividades religiosas, recreativas e culturais do Oratório de São Francisco de Sales. Em algumas passagens, Dom Bosco acrescenta que Pedro “foi o modelo dos seus companheiros”.

¹ Júlio BARBERIS, *Appunti di pedagogia sacra. Esposti agli ascritti della Pia Società di S. Francesco di Sales dal sac. –*. [Turim], Litografia Salesiana 1897, p. 8. Júlio Barberis (1847-1927). Entrou no Oratório de Valdocco com 13 anos. Tornou-se salesiano em 1864. Laureado em teologia na universidade de Turim. Ordenado sacerdote em 1870. Em 1874 foi nomeado como primeiro mestre dos noviços da Sociedade Salesiana; cf. Mario FISSORE, *Il Vademecum di don Giulio Barberis. Spunti di indagine e sguardi d'insieme*, in RSS 31 (2012) 11; cf. DBE, *Scritti*, pp. 89-167 (“Documenti di pedagogia narrativa”).

Referem-se também à prática do método de educação os dois conhecidos testemunhos a respeito da conversa de Dom Bosco com o político italiano Urbano Rattazzi (1854), e os encontros com Francisco Bodrato (1864), professor elementar.

Os três documentos referidos aqui iluminam, sem dúvida, desde perspectivas diversas e em níveis diferentes, aspectos e momentos significativos das primeiras experiências educativas do fundador de Valdocco.

I. EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR (1855)

O “documento que propriamente inaugura a representação de experiências vivas de Dom Bosco educador é A força da boa educação. Ali entra em cena o diretor do Oratório de São Francisco de Sales como catequista, conselheiro e confidante do jovem Pedro”, embora este “apareça somente na penumbra e sem uma fisionomia muito definida”².

O conhecido e autorizado estudioso salesiano Pedro Stella, no trecho que acabamos de citar, se refere à narração publicada nas “Leituras Católicas” de 1855³. Precisamente com este documento – A força da boa educação –, de cunho histórico-biográfico, quisemos abrir aqui a segunda parte da coletânea antológica de escritos de Dom Bosco que se referem à sua experiência educativa.

Um “filho exemplar”, chamado Pedro, e “uma mãe modelar”, são os principais protagonistas desta história. O escrito constitui uma narração pedagógica de tipo popular – “Curioso episódio contemporâneo”, diz o subtítulo do documento – que reflete, antes de tudo, as preocupações do narrador no contexto da circunstância social e política do próprio tempo, no qual a religião é sempre menos reconhecida como base indispensável da educação e as práticas religiosas tradicionais são continuamente questionadas⁴.

No contexto indicado faz-se emergir a importância da educação familiar, “particularmente nos primeiros anos”. Os elementos pedagógicos qualificadores postos em relevo são: o dever, o estudo, a alegria, a piedade.

Nas páginas introdutórias, Dom Bosco adverte que não pretende oferecer ao leitor uma exposição completamente original: “este livro – declara – baseou-se num livro com o título: Un mari comme il y en a beaucoup, une femme com-

² Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Segundo volume. *Mentalità religiosa e spiritualità*. Segunda edição revista pelo autor. Roma, LAS 1981, p. 446; cf. P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, I, pp. 553-555.

³ Outras edições do escrito: *La forza della buona educazione. Narrazione contemporanea*. Roma, nella tipografia Forense 1860; *Pietro ossia La forza della buona educazione. Curioso episodio contemporaneo*, pel Sac. Giovanni Bosco. Turim, tipografia e Libreria Salesiana 1885. Nos conteúdos da edição de 1860 não se encontram variantes significativas; ao passo que na de 1885 aparecem diversas de algum relevo; nas páginas introdutivas de Dom Bosco, “Ao Leitor”, são substituídas por outras seis, assinadas por um anônimo “Editor”. Este, dirigindo-se “Ao Leitor Operário”, escreve: “O autor é Dom Bosco, aquele amigo sincero de cada operário que tu deves conhecer e amar como benfeitor e pai” (p. vi). O escrito foi traduzido para o francês, o alemão e o espanhol: (Barcelona, Librería Salesiana 1951).

⁴ Jacques SCHEPENS, “*La forza della buona educazione*”. *Etude d'un écrit de don Bosco*, em José Manuel PRELLEZO (editor), *L'impegno dell'educare. Studi in onore di Pietro Braido* promovidos pela Faculdade de Ciências da Educação. Roma, LAS 1991, pp. 417-433.

me il y en a peu, isto é: um marido como muitos: uma esposa como poucas”⁵. Todavia, a seguir, o próprio Dom Bosco assegura “com lealdade”: “o que aqui se narra são fatos realmente acontecidos; fatos quase todos vistos ou ouvidos por mim mesmo”; e acrescenta: “Quanto ao mais, aqui se verá quanta força possui sobre o futuro dos filhos a boa educação; ver-se-á uma mãe modelar, um filho exemplar. Uma mãe que, em meio a mil dificuldades, consegue dar a melhor educação ao filho e reconduzir o marido transviado ao bom caminho. Um filho que responde às solitudes maternas [...] e que ao mesmo tempo se torna o sustento da família, modelo para os colegas”.

A exposição dos fatos se encerra com um forte apelo aos pais, insistindo na função da boa educação, também numa perspectiva de regeneração social: “Se os filhos são bem educados, ver-se-á a geração em crescimento, amante da ordem e do trabalho [...]. Em suma, teremos – conclui Dom Bosco – tempos melhores, filhos que serão a honra da pátria, o sustento das famílias, a glória e o decoro da religião”⁶.

147. A força da boa educação. Curioso episódio contemporâneo.

Edição impressa em *La forza della buona educazione. Curioso episodio contemporaneo* per cura del Sac. Bosco Giovanni. Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1855.

Ao leitor

Talvez o leitor pergunte se este episódio contém fatos verdadeiros ou coisa semelhante, ao que posso responder com lealdade que o que aqui se narra são fatos realmente ocorridos, fatos, quase todos vistos ou ouvidos por mim mesmo. Observo somente que este livro se baseou num livreto intitulado: *Un mari comune il y en a beaucoup, une femme comme il y en a peu*, isto é: um marido como muitos, uma esposa como poucas. Não posso oferecer uma narração completa, porque Pedro, a quem os fatos se referem, ainda vive; o que tam-

⁵ P. Stella documentou as coincidências que se notam entre *La forza dell'educazione* e diversos textos extraídos do texto: *Un mari comme il y en a beaucoup, une femme comme il y en a peu...*, publicado em Caen-Paris, em 1853 (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, II, p. 191).

⁶ Na enumeração dos capítulos nota-se alguma imprecisão, que foi corrigida por quem cuidou desta edição, levando em conta as edições sucessivas do documento.

bém me obrigou a modificar algumas circunstâncias de nomes e de lugares a fim de que a pessoa não possa ser identificada. Também julguei conveniente calar algumas coisas que seriam as mais interessantes, pelo único motivo de que se apresentam sob um aspecto que contém algo de sobrenatural e que por isso poderia ser motivo de crítica inoportuna.

Quanto ao mais, aqui se verá quanta força tem a boa educação sobre o futuro dos filhos; ver-se-á uma mãe modelar, um filho exemplar. Uma mãe que, em meio a mil dificuldades, consegue dar a melhor educação ao filho e reconduzir o marido transviado para o bom caminho. Um filho que corresponde às solitudes maternas de uma mãe afeiçoada; filho de quem a divina Providência se serviu para reconduzir o pai à religião; e que ao mesmo tempo se tornou o sustento da família, modelo dos colegas, exemplo de fortaleza e resignação para todo fiel cristão.

Capítulo I. A fábrica de fósforos

João. – Realmente, mulher, começo a me irritar ao ver o nosso Pedro arrastando seus trapos ao longo das ruas e a ter que mantê-lo não fazendo nada. Nós temos quatro filhos, este é o maior e já vai completar oito anos, é preciso arranjar-lhe um trabalho. Se não for capaz de outra coisa, vamos colocá-lo na fábrica de fósforos da senhora Boccardi. Claro, não ganhará grande fortuna, dado que é muito jovem, mas mesmo que ele traga para casa só algumas moedas, isso será sempre motivo de satisfação.

Esposa. – É verdade, João, um fardo de quatro meninos... eu compreendo que isso começa a ser de peso, pois deveis providenciar tudo com o trabalho de vossas mãos. Mas, caro marido, eu creio que é melhor enviá-lo por algum tempo à escola dos irmãos⁷, que lhe ensinariam a ler, escrever e rezar a Deus, enquanto ele é ainda bem novo e incapaz de um trabalho que nos possa trazer algo que possa ser útil. Isso certamente seria melhor do que colocá-lo numa fábrica de fósforos, onde há uma turba de rapazes transviados que lhe darão maus exemplos e maus conselhos.

João. – Cala-te, mulher: sempre com os teus maus exemplos. O que podem dizer e fazer de mal rapazes desta idade? Afinal, já estamos entendidos: eu quero colocá-lo a trabalhar junto à senhora Boccardi.

⁷ Certamente se refere às escolas turinenses dos Irmãos da Escolas Cristãs, congregação fundada por São João Batista de La Salle (1651-1719); cf. a introdução geral a este volume e Carlo VERRI, *I Fratelli delle Scuole Cristiane e la storia della scuola in Piemonte*. Como, Ediz. Sussidi 1948.

Esposa. – Pelo menos procuremos outra fábrica, onde não haja tanta gente desse tipo, como os que trabalham na fábrica de que vós dizeis. Porque precisamos preservar este nosso rapaz de todos os maus encontros, para que ele possa conservar os bons princípios que eu procurei lhe transmitir até agora.

João. – Tá bom, tá bom..., já basta: deixa-me em paz com os teus princípios; se não for trabalhar no estabelecimento da senhora Boccardi, não vai ganhar mais do que doze soldos por semana, ao passo que lá poderá ganhar pelo menos dezoito, e com isso...

Esposa. – Ainda uma palavra; não é para vos contrariar, mas me parece ser mais razoável fazer-lhe agora aprender o que mais tarde ele deverá saber, quando então estará em condições de dedicar-se a uma profissão honrosa, porque desejo muito que ele saiba pelo menos ler, escrever e um pouco de aritmética. Ao mesmo tempo poderia aprender o catecismo e preparar-se para fazer a primeira comunhão e...

João. – Já está tudo resolvido. Ele fará como eu fiz; eu nunca fui à escola e cresci grande e forte como os outros. Verdade é que eu não sei nada e me sinto mortificado quando se expõe um cartaz e vejo que todos correm para ler, enquanto eu sou obrigado a perguntar o que está dito lá; e se alguém me pergunta o que foi publicado, eu não sei responder absolutamente nada. Seja como for, eu preciso trabalhar no domingo, se quiser comida na segunda-feira; com dezoito soldos do meu menino, tu farás a tua polenta e eu terei a minha comida. Vamos, Pedro, põe os tamancos, rua, e vai trabalhar.

Esposa. – Dado que quereis assim, pelo menos deixai que eu o leve e assim poderei recomendá-lo à sua patroa.

A pobre mãe, suspirando profundamente, lava o rosto do seu menino e apertando-o nos braços, coloca-o sentado sobre seus joelhos. Pobre menino, lhe diz, tu deves obediência a teu pai e à tua mãe. Nesta tua pouca idade, já temos que te pôr a ganhar um pouco da tua comida. Pobre menino! Tem paciência: a nossa situação é muito pobre; é por isso que também tu deves trabalhar um pouco apesar de tão novo.

Tu encontrarás alguns dos teus pequenos companheiros; lembra-te sempre dos bons conselhos que eu te dei. Tu sabes, querido Pedro, que é preciso amar a Deus, e por isso obedecer a ele e nunca ofendê-lo. Se teus colegas te disserem alguma coisa inconveniente, não precisa responder. Se te derem maus conselhos, como seria não trabalhar, pegar alguma coisa dos outros, desobedecer a teus pais, não deves ouvi-los. Toma cuidado, querido Pedro, de me contar todas as noites o que te dirão os colegas durante o dia. Assim, eu poderei dar-te sempre bons conselhos a respeito do que deves fazer e do

que deves evitar. Sê respeitoso para com teus patrões, bem-educado com os teus colegas; se alguém te bater, não te revoltes, porque sabes que Deus não o quer.

Trabalha com diligência, oferece teus pequenos sofrimentos ao bom Jesus; de quando em quando pensa nele e na Santa Virgem Maria; pede muito a esta boa mãe para obter as graças de que precisas. Pede a ela também pelo teu pobre pai. Lamento muito que ele tenha dito na tua presença o motivo pelo qual quer colocar-te a trabalhar, assim tão novinho, porque ele espera servir-se do teu trabalho para passar melhor o dia no bar; este é um pensamento muito triste!

Depois desta conversa, a boa mãe, com o coração angustiado, tomou pela mão o menino e foi para a casa onde estava a fábrica de fósforos. Sobee até o terceiro andar por uma escada íngreme e meio escura; abre a segunda porta à direita e entra dizendo: Bom dia, senhora Boccardi! Aqui está um menino de oito anos; poderia ocupá-lo junto com os aprendizes da sua idade?

Senhora Boccardi. – És tu, menino, que queres trabalhar? Na verdade, teu pai me tinha dito que não eras muito grande, mas já estás bastante crescido para a ocupação que estou para te dar. Senhora, fique tranquila, ele fará seu trabalho como os outros.

Mãe. – Eu vos recomendo o meu filho, senhora Boccardi, se ele fizer alguma coisa de errado, não deixeis de me dizer, por favor; e vede que ele não tenha conversas indecentes ou coisas semelhantes com os outros rapazes.

Senhora Boccardi. – Podeis ir, podeis ir, não sejais aborrecida, dormi em paz sobre as duas orelhas, o vosso menino não será pior que os outros.

Estas expressões deixaram uma impressão negativa a respeito da casa onde a pobre mãe colocara o seu menino. Mas guardou todos os seus tristes pensamentos para si mesma, pondo sua confiança em Deus, sua única esperança. Feliz dela que soube encontrar na religião um bálsamo para amenizar as penas do coração!

Agora entremos um momento naquela fábrica de fósforos.

Um rapaz. – Vejam só, vejam só, aquele menino ali! Como está todo limpinho! Que luxo! Bem lavado, vejam que bonito lencinho lhe pende da sacola! O colarinho da camisa cobre metade da cara!

Outro rapaz. – Ei, você, empreste as ferramentas que tem na sacola, quero fazer uma brincadeira. Vamos, deixe-me ver o seu lencinho. Chora! Por quê?

Outro. – Esses aí têm tempo para perder, não ligue para as conversas deles; venha aqui, se alguém lhe perguntar o motivo, responda que eu devo organizar o seu trabalho.

Este que falava assim era o mais velho da turma. Um tanto mais tranquilo, Pedro foi sentar-se ao lado do seu protetor, e a senhora Boccardi trouxe para ele material de trabalho, com que ele logo se ocupou para poder ganhar os dezoito soldos que seu pai esperava.

Pedro tinha um caráter muito alegre, criou facilmente familiaridade com os outros meninos, de modo que as conversas se tornaram cada dia mais animadas e sobre assuntos diversos.

Colega. – Pedro, o que é que seu pai faz?

Pedro. – Meu pai é marceneiro, e o seu?

Colega. – O meu é carregador. Você se diverte bem aos domingos?

Pedro. – Sim que me divirto. Vou à missa com minha mãe, depois às vésperas, em seguida dou uma volta com meus irmãos.

Colega. – Você vai à missa e às vésperas, você... Se soubesse como é muito mais divertido fazer como faço eu. Minha mãe me diz: vá à missa; sim, mamãe, eu vou. Chegando à porta da igreja, entro de um lado e saio do outro, e vou jogar pião com meus amigos. Domingo você vem também com a gente, não é, Pedro?

Pedro. – Não é possível; minha mãe vem comigo, e depois, mesmo se ela não viesse, eu sei que é preciso ouvir missa todos os dias santos.

Colega. – Pelo menos você virá enquanto cantam as vésperas. Você vai ver como a gente se diverte.

Pedro. – Também isso é impossível; minha mãe me acompanha sempre, e me diz para assistir as vésperas, e eu vou para obedecer, pois ela me diz muitas vezes que a desobediência aos pais é o mesmo que desagradar ao próprio Deus.

Colega. – Certamente você quer dar uma de hipócrita; se você não quiser vir, então vá plantar batatas...

Apesar das insistências dos colegas, Pedro ficou inflexível e por dois anos continuou pelo bom caminho que sua mãe lhe tinha indicado. Isso é muito bonito da parte dele, mas ele sempre tinha tido grande confiança em sua mãe; todos os dias lhe contava o que os colegas lhe sugeriam. A mãe lhe dava seus conselhos, rezavam junto as orações para conseguir as graças do céu;

e, com as bênçãos de Deus, o menino tinha podido resistir às ameaças e aos engodos dos seus companheiros.

Capítulo II. A preparação

A situação caminhou assim por dois anos. – Pedro ganhava vinte e quatro soldos em vez de dezoito. A senhora Boccardi estava contente, o pai tinha o que desejava ao receber os seus vinte e quatro soldos por semana, que na qualidade de homem valente sabia gastar tudo numa só semana. Chegando, porém, o tempo da primeira comunhão, a boa mãe esbarrou novamente em dificuldades. O pai prometera deixar este ano à disposição da mulher para a educação do seu menino. Mas, o que fazer? Seu gosto pelo bar se tornara forte mais do que nunca, os outros rapazes cresciam sempre mais, as despesas também cresciam, nenhum dos meninos conseguia ganhar um soldo. Mulher, dizia João, precisas ter paciência, é necessário que o nosso Pedro continue a trabalhar.

Esposa. – E a primeira comunhão?

João. – Bem, quanto a isso, faze do jeito que poderes.

Esposa. – Mas, como quereis que ele possa aprender o catecismo e ir à igreja para ouvir sua explicação?

João. – Arranja-te como quiseres, eu decido que ele continue a trabalhar. Vamos, Pedro, vai trabalhar, anda logo.

Um profundo suspiro foi a resposta da pobre mãe; o filho obedeceu.

A pobre mãe, dando uma volta pela cidade, parou entristecida diante de uma igreja, onde entrou e com lágrimas nos olhos se ajoelhou diante do tabernáculo onde mora o Deus consolador dos aflitos. Ali, como criança que se abandona nos braços do seu pai, lhe expôs todos os sofrimentos que oprimiam seu coração; suplica-o queira inspirar-lhe um bom pensamento e como devia proceder para guiar corretamente o menino durante aquele ano tão importante para a primeira comunhão. De repente, ela sentiu o coração repleto de consolação, e saindo da igreja esperava pelo momento em que poderia falar sozinha com Pedro e dar-lhe os devidos conselhos. Este momento chegou.

Caro filho, ela começou a dizer-lhe, estamos no ano em que tu deves fazer a primeira comunhão; esta é a coisa mais importante da tua vida; é preciso que te prepares com orações fervorosas, com uma obediência pronta, com uma grande pontualidade e atenção nas celebrações da igreja. Uma coisa

me dói e é o pouco tempo que terás para aprender o catecismo e ouvir sua explicação, que deverá ser feita pelo nosso padre.

Filho. – Não vos aflijais, querida mãe, graças a Deus tenho boa memória e boa vontade. Nos dias santos tenho tempo de ir e me aplicarei com toda a atenção possível. Nos dias de trabalho, eu tenho uma hora e meia para almoçar; em meia hora eu como, em seguida irei logo para o Oratório de São Francisco de Sales, onde, durante a quaresma, há catecismo ao meio-dia. Se eu não puder terminar a refeição antes do catecismo, comerei depois qualquer coisa ao voltar.

Além disso, querida mãe, se me permitirdes, voltarei para lá todas as noites, pois lá instruem de bom grado e gratuitamente os meninos. Afinal, eu me aplicarei tanto que espero poder estudar e compreender o catecismo e estar em condições de responder ao padre como se deve no exame. Aliás, espero poder também continuar a aprender a ler e a escrever; ah, como me parece que logo vou aprender!

Mãe. – Querido filho, vem aqui que eu te abraço, as tuas palavras confortam meu aflito coração.

A pobre mãe, a fim de dispor o céu em seu favor, redobrou os cuidados e as solitudes para amenizar a dureza do seu marido. Embora não lhe desse mais do que vinte soldos sobre trinta que ele ganhava todos os dias, ela sabia fazer de tal modo que o almoço fosse pontualmente preparado para quando ele voltava do trabalho. Sua casa era mantida sempre limpa; não havia um grão de pó sobre a mesa, o chão, bem varrido, a cama, ou melhor, o colchão, sacudido e coberto de trapos, é verdade, mas limpos e bem remendados. Recebia com o sorriso no rosto seu marido, apesar de ser bronco, da sua pouca religião e das suas frequentes visitas ao bar. Ela aparecia diante dele com ar aprazível e fazia isso na esperança de que qualquer dia conseguiria que ele se corrigisse.

De fato, quantos desses homens embrutecidos se arruínam todos os dias por causa do vinho, que seriam bem diferentes se pudessem viver no seio de suas famílias e encontrar com frequência junto deles uma boa acolhida, uma mulher afável e paciente, filhos submissos e respeitosos!

A pobre mulher, persuadida dessa verdade, fazia de tudo para tornar agradável a seu marido a vida em família; mas em quantas solitudes ela teve que se desdobrar para proporcionar-lhe o que era necessário! Que economia na administração dos negócios, quantas privações para ela, quantas vigílias prolongadas em torno de um trabalho ingrato e pouco lucrativo, e tudo isso para poder oferecer ao marido para o dia seguinte uma sopa que ela não podia mais preparar com o pouco que ele lhe entregava cada dia!

Mas voltemos a Pedro. Fiel ao plano estabelecido entre ele e sua mãe, trabalhava como antes na mesma fábrica de fósforos. Aprendeu as lições de catecismo, jejuando; isto é, aproveitando da hora do almoço para ir à igreja. Muitas vezes o seu jantar consistia em alguns pedaços de pão que ele guardava nos bolsos e, comia, uma parte, indo, outra, voltando do catecismo. À noite também vinha pontualmente ao Oratório para ouvir a explicação do que ele nem sempre tinha entendido bem ao meio-dia. Lembro-me de tê-lo visto muitas vezes de noite, mesmo quando o tempo era brusco e cheio de névoa, vir sozinho ao catecismo. Uma noite eu lhe disse: não tens medo de vir até aqui com um tempo tão ruim e completamente sozinho? Não estou só, respondeu: o bom Deus e o Anjo da Guarda são ótimos companheiros!

Os seus colegas zombavam dele por causa do seu bom comportamento; vários deles também deviam fazer a primeira comunhão naquele mesmo ano, mas para eles e para seus pais isso era uma coisa da qual era preciso livrar-se quanto antes.

Um deles dizia: no ano passado o confessor me mandou de volta porque em casa comia carne nos dias de abstinência; mas meu pai me disse para não ser tão bobo e neste ano não voltar a contar a mesma coisa ao padre.

Outro: eu fui mandado de volta pelo mesmo motivo, mas minha mãe conseguiu de meu pai que neste ano se faça abstinência para que eu possa fazer a primeira comunhão; depois voltaremos a fazer como sempre.

Um terceiro acrescentou: meu pai me proibiu de dizer os pecados mais graves ao padre, porque isso poderia impedir-me de fazer a primeira comunhão; de qualquer modo, bem ou mal, neste ano preciso fazê-la, porque isso me abre o caminho para ganhar alguns soldos a mais.

Pedro, estarecido ao ouvir aquelas conversas, se limitava a dizer alguma palavra de desaprovação. Ele dizia: eu não sou capaz de lhes dar uma resposta, mas é certo que aquele que vai se confessar e não promete de coração mudar de vida, faz uma confissão mal feita; quem cala um pecado ao confessor não obtém o perdão dos pecados e acrescenta um sacrilégio à sua consciência. E aqueles que comem carne nos dias de abstinência, desobedecem à Igreja, que manda praticá-la nas sextas-feiras, nos sábados e em outras vigílias de certas festas.

Entretanto, Pedro cuidava para sempre contar à sua mãe os despropósitos que ouvira. Aquela boa mãe, assustada ao saber que seu filho vivia no meio de rapazes tão mal educados e tão mal aconselhados, dava-lhe maternalmente recomendações conforme a sã moral do Evangelho.

Que desgraça, dizia ao pobre Pedro, que desgraça é ter parentes sem religião e particularmente não ter uma boa mãe para afastar dos seus corações a influência dos maus exemplos e dos maus conselhos de seus pais. Lembra-te sempre, querido Pedro, de que a primeira comunhão é o ato mais importante da vida, para o qual é preciso preparar-se longamente, reformando os maus hábitos e praticando todas as virtudes compatíveis com a tua idade, como a obediência, a docilidade, o amor ao trabalho, a assiduidade ao catecismo, o respeito e a modéstia na igreja.

Quanto aos pecados que irás confessar, é preciso que te arrependas e, além disso, que tomes a decisão de não cometê-los mais no futuro. É quando também os teus parentes, assim como os teus colegas, quiserem obrigar-te a comer carne nos dias de abstinência, tu deverás lembrar-te de que é preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. Particularmente toma cuidado para não calar nenhum pecado na confissão; é preciso confessá-los todos, arrependendo-se de todos e tomar a resolução de uma vida melhor, com a graça de Deus. É mil vezes melhor adiar por um ano a primeira comunhão, se o confessor assim julgar conveniente, do que esconder um pecado pelo desejo de comungar; porque quem faz comunhões assim pode ser comparado com quem quisesse convidar um amigo a almoçar e depois lhe oferece comida envenenada.

Pedro. – Ficai tranquila, mamãe, faz quatro anos que vou me confessar e nunca calei nada ao confessor. Alguma vez não me lembro de alguma coisa e ele me pergunta e então eu digo logo tudinho.

Assim, a boa mãe ia preparando seu filho para o ato mais importante e sério da vida. Quantas mães se preocupam com os enfeites do corpo e não fazem nada pela alma dos seus filhos! E o que devemos dizer daqueles pais que, além de não se preocuparem com o bem espiritual e eterno dos próprios filhos, servem de tropeço para a sua salvação eterna, dando escândalo com suas conversas e seu mau comportamento? Que, ao invés de prepará-los santamente para a comunhão, infelizmente os encaminham pela estrada da perdição? Que terríveis contas deverão depois prestar a Deus no seu tribunal!

Capítulo III. A confissão

Pedro frequentava com assiduidade o catecismo; mostrava-se obediente ao menor aceno do pai. Este se vangloriava de ter um menino melhor do que os filhos dos seus vizinhos; ele bem sabia que as boas qualidades do filho eram devidas à religião que sua mulher tinha conseguido fazer praticar ao seu primogênito.

O dia da primeira comunhão se aproximava e Pedro redobrava de fervor. Costumava confessar-se com frequência e havia quatro anos que se apresentava sempre ao mesmo confessor, ao qual mostrara todos os segredos do seu coração e nunca tinha calado qualquer coisa na confissão; por isso a sua confissão podia ser tão rápida. Mas ele desejava estar mais seguro quanto às confissões passadas, nas quais nem sempre se costuma dar a devida importância à falta de conhecimento; e decidiu fazer uma confissão geral.

Primeiro invocou a ajuda e as luzes do Espírito Santo, a fim de poder lembrar os seus pecados, em seguida fez um diligente exame de consciência, depois foi para a igreja com a maior modéstia, esperando sua hora de se apresentar ao confessor. Declarou todos os seus pecados, ou melhor, aquilo que ele julgava que fosse culpa, sem esconder absolutamente nada ou diminuir sua gravidade. Quando a confissão terminou, ele se preparou com toda humildade do coração para receber a absolvição, pedindo muito a Deus que lhe desse forças para ter um grande arrependimento dos seus pecados.

No Oratório de São Francisco de Sales é costume celebrar um tríduo a fim de preparar os meninos para fazer dignamente a comunhão pascal. Durante aqueles três dias de pregação, ele foi um modelo para seus colegas. Vendo-o assim, tão recolhido, tão afável e tão bom para com eles, todos o invejavam. Um colega, comovido ao ver a modéstia e a devoção de Pedro, decidiu confessar um pecado que, para satisfazer seu pai, tinha calado numa confissão anterior.

Um dia, um colega lhe disse: venha, Pedro, olhe-se no espelho e ajeite o cabelo. Ora essa, respondeu, o que eu quero é ajeitar bem as coisas da minha alma e preparar meu coração para ser uma bela casa para o meu Jesus. De fato, todos os seus cuidados visavam a despertar em si um vivo arrependimento, e praticar cada pequena virtude própria da sua idade.

Quantos meninos e particularmente quantas meninas dedicam todos os seus cuidados em se vestir e enfeitar o próprio corpo, em vez de cuidar de embelezar a alma com a prática das virtudes! Quantos pais não têm outra ambição senão a de ver a filha elegante e bem vestida para que seja a mais bonita entre as que vão receber a comunhão! A mãe de Pedro não tinha essas ideias na cabeça. Ela, sempre ocupada com os trabalhos que se referiam aos seus filhos e ao seu marido, passava o pouco de tempo que lhe sobrava a rezar e a preparar uma roupa bonita para o seu primogênito.

Mas a pobre mulher não tinha meios para fazer grandes despesas para comprar roupas, e se o padre não tivesse vindo em sua ajuda, o bom Pedro teria corrido o risco de se vestir somente com uma roupa muito simples, quase

miserável; mas por baixo daquela roupa humilde, que alma bonita se escondia! Este pensamento era de grande conforto para sua mãe.

Finalmente chegou o último dia do tríduo sagrado, no qual Pedro, feita a confissão geral, devia receber a absolvição. É impossível descrever com que ardor ele se preparou. Nada de olhares distraídos; um recolhimento perfeito o acompanha; entra na igreja, aproxima-se do confessionário, e recebe o perdão dos seus pecados. Como se comoveu seu coração no momento em que recitava o ato de arrependimento! As lágrimas lhe caíam dos olhos quando se afastou do tribunal da penitência. Cobrindo o rosto com suas mãos, foi até o altar, pôs-se de joelhos, renovou o ato de arrependimento e prometeu querer sempre pertencer a Deus, e servi-lo a vida inteira. O seu coração, inundado de alegria, não sabe encontrar expressões para agradecer a Deus por ter-se dignado usar de tanta bondade para com uma criatura tão pobre. Todos os seus desejos se voltam então para o momento em que no dia seguinte deverá recebê-lo no seu coração, embora pobre, último entre todos.

Onde seria possível encontrar um mortal mais feliz? Repleto de contentamento, voa para casa. Seu pai o vê; a figura radiante do filho o enche de estupor; suas carícias o enternecem; algo de inconcebível acontece em seu coração; aproxima seu filho, abraça-o; este, em transportes de alegria, lhe salta ao colo e lhe diz: ah, papai, se soubésseis como sou feliz!

Sim, sim, meu filho, acredito que sim; tenho certeza de que quanto antes te livrarás da tua primeira comunhão.

Não, não, acrescentou Pedro, vós me compreendeis mal; do que estais falando? O bom Deus amanhã vem morar no coração de Pedro, pobre e miserável criatura; aquele que fez o céu e a terra quer que eu me assente à sua mesa para alimentar-me com a sua carne; recebê-lo em mim, fazer uma coisa só com ele. Papai, compreendeis do que se trata? Deus me deixa plenamente livre de aproximar-me dele e de servir-me de seus imensos tesouros. De quantas riquezas eu posso prover a minha alma, quantas graças eu quero pedir para vós e para mamãe! Deus, sendo tão bom, como poderá recusar-me esses favores quando estiver comigo e dentro de mim? Ah, como eu quero falar com ele! Papai, vós serieis feliz, pois ele disse: pedi e recebereis.

O pai de Pedro, fora de si pelo estupor, dizia a si mesmo: é preciso que exista de fato outro tipo de felicidade além da que se encontra no fundo de uma garrafa; tenho inveja do contentamento do meu filho, da sua felicidade; sua alegria, sua felicidade me parecem sem misturas; ao contrário, os meus prazeres são sempre misturados com alguma amargura; por isso, não é sem certo sentimento de mau humor que no bar gasto o que poderia aliviar minha

mulher, que, aliás, é tão boa, tão afável para comigo, apesar das minhas ofensas.

Naquele momento, um pensamento generoso passou pela mente do pai de Pedro. Ele disse: eu também quero sentir a alegria que meu filho está para provar amanhã: mulher, toma, aqui está o dinheiro de toda a minha semana; amanhã, que é domingo, passarei o dia todo com a família, irei com Pedro para ver a sua primeira comunhão. Dê um jeito para que amanhã haja algum prato a mais, quero que estejamos todos alegres, alegres todos juntos.

Pedro, quase explodindo de alegria, salta de novo para o colo do pai, abraça-o e beija repetidamente. A mãe, com os olhos repletos de lágrimas, abraça os outros filhos, e todos correm a fazer festa em torno do feliz pai, fazendo-lhe mil carícias. Ele, por sua vez, experimenta em si uma alegria pura que no passado jamais tinha sentido; a vida de família e a felicidade de uma alma tranquila se tinham revelado nele.

Antes de ir para a cama, Pedro quis fazer o gesto de emenda, isto é, pedir perdão aos próprios pais por todos os desgostos que lhes causou no passado, e isto na presença de toda a família. Em alguns lugares, essa cerimônia costuma ser feita na igreja, estando reunidos todos juntos; em outros lugares, isso se faz em família.

Perdão, dizia Pedro, perdão, queridos pais, pelos desgostos que vos causei; tenho certeza de que não recusareis esquecer as ofensas que vos fiz. Deus, assim espero, já me perdoou, e vós levareis a minha felicidade ao máximo, se disserdes que posso ficar tranquilo quanto à vossa benevolência; vós vedes um pobre menino arrependido e que promete uma obediência sem limites para o futuro. Ah, sim, sim, perdoai-me!

O pobre pai, voltando os olhos, encontrou-se com o olhar de Pedro, ficou comovido até as lágrimas, e quase fora de si, dizia: pobre menino, tu me pedes perdão, enquanto sou eu que deveria pedi-lo e lançar-me aos teus pés e implorar a tua piedade por um pai que não foi para ti senão um carrasco; pouco lhe faltou para não explodir em soluços. Pondo as mãos sobre o rosto, deixou cair lágrimas abundantes, lágrimas doces, porque provinham de arrependimento.

Depois das orações da noite, feitas com fervor maior do que o normal, Pedro foi para a cama e logo adormeceu. O pai se aproxima e contempla sobre o pobre leito de palha o seu querido filho, cujo aspecto resumava inocência e felicidade; rosto sereno e um sorriso lhe davam o aspecto de um anjo. Comovido, o pai vai para a cama, mas naquela noite o sono lhe foge, o remorso agita sua alma; de repente, um bom propósito nasce no seu co-

ração; pensa na sua vida passada, na felicidade que também ele em tempos idos provara, na tranquilidade e na felicidade do seu Pedro; entretanto, uma luta terrível entre o bem e o mal se trava no seu coração; e não lhe é mais possível ter paz, a não ser renovando a resolução de passar o dia de domingo com toda a família.

Capítulo IV. O dia da comunhão

Acordando, o primeiro pensamento de Pedro foi um ato de adoração e de amor, e ao mesmo tempo uma elevação do seu coração a Deus que naquela manhã ele iria receber. Feito o oferecimento do seu coração a Jesus sacramentado, consagrando a ele o dia inteiro, levantou-se e se vestiu com toda modéstia. Não pensemos que a visão da sua roupa nova e decente lhe tenha causado a mínima impressão, embora esta fosse a primeira vez que se via bem vestido, dado que suas roupas eram sempre de panos grosseiros e remendados. De fato, o que é uma roupa que cobre o corpo, em comparação com o ornamento de uma alma que se reveste de virtudes, que é diligente em evitar a menor vaidade, o mais leve defeito que possa desgostar o hóspede que quer vir fazer nela a sua morada?

Entretanto, toca o sino, todos os meninos, aos grupos, vão para a igreja; um se sente envaidecido pela sua roupa elegante, o outro se vangloria porque é acompanhado pelos pais ou porque muitos olham para ele. Pedro é todo humilde, não repara em ninguém; e vestido com as roupas que a caridade do padre lhe proporcionou, exemplarmente composto, vai para a igreja.

Que importava para ele possuir todos os bens da terra, se dali a pouco iria tomar posse das riquezas do céu, participar do festim celeste, sentar-se à mesma mesa dos seus afortunados companheiros e atrair sobre si e sobre sua família os favores celestes? Acompanhado pelo pai, entra na igreja; a composição e a modéstia transparecem de todos os seus passos; seu olhar está sempre fixo no altar; nem uma palavra, nem um sorriso para os colegas. Seu pai o contempla, comovido; está imóvel, seus olhos se fixam sempre mais sobre aquela figura angélica.

Ao começar a missa, teve um novo motivo de estupor ao ver seu filho ler num livro. Reconheceu a bondade da sua esposa e a diligência que ela despendeu para com este querido menino. Entretanto, começam a ler em voz alta os atos preparatórios da comunhão, que são repetidos alternativamente pelos outros meninos. Com que atenção Pedro recita aquelas orações! Com que fervor o seu coração participa de tudo! Como ele se humilha diante de

Deus! Como ele se reconhece indigno do grande favor que o espera! Com que afetos renova o ato de arrependimento por ter ofendido a Deus, tão bom e tão digno de ser amado! Com que firme propósito promete evitar no futuro tudo o que poderia prejudicar a sua alma!

Finalmente chegou o grande momento há tanto tempo esperado. Três vezes este querido menino repete: Senhor, eu não sou digno da honra que vós me fazeis, eu não sou digno de que vós venhais ao meu coração; eu vou receber-vos só confiando na vossa misericórdia: Jesus, Jesus, vinde tomar conta da minha alma. Ditas estas palavras, ele estende um pouco a língua sobre seus lábios inocentes e recebe o Deus do céu e da terra, o soberano dos coros celestes que reverentes o adoram.

Naquele momento, Pedro não é mais filho de um pobre operário; é um anjo. No seu coração, ele possui Aquele que faz a verdadeira felicidade, a única felicidade da vida: ele possui Deus. O seu aspecto é radiante de luz, o seu coração transbordante de alegria, de reconhecimento, repete os mais entusiastas protestos de nunca mais descuidar seus deveres. Entretém-se com Jesus, a sós com ele; e depois de ter-lhe exposto a sua miséria, suas necessidades, as fraquezas da sua alma, depois de ter-lhe pedido algumas graças particulares, começou a dizer assim no seu coração: meu bom Jesus, eu vos possuo na minha alma, a vossa bondade para com uma criatura miserável me encoraja a pedir-vos ainda um grandíssimo favor. Tenho um pai que é testemunha da minha felicidade nesta igreja, vós o conheceis: oh, meu Jesus! Não penso em acusá-lo diante de vós, mas posso dizer-vos que ele vive longe das práticas da santa religião. Faz muito que sua alma não se nutre com o vosso sangue adorável; as más companhias o arrastaram para certos lugares onde não deveria ter ido. Mudai-lhe o coração, meu bom Jesus, fazei que ele volte a vós.

Vós dissestes: pedi e recebereis. Oh, então, com essa confiança, eu me dirijo a vós. Insisto, meu amável Salvador, eu não vos deixarei enquanto um raio de esperança não entrar no meu coração.

Minha pobre mãe, sim, meu bom Jesus, recompensai-a por todo o bem que ela me fez; dai-lhe paciência, a força para conduzir a bom êxito a minha educação e dos meus irmãos; dai-lhe um marido digno da sua virtude; e que a paz e a felicidade das almas puras comecem a reinar entre nós. Oh, Jesus, nós vivemos numa grande pobreza, mas eu vos peço que a transformeis em abundância; não vos peço senão o vosso amor, a vossa graça, para mim e para meus pais, e que a vossa santa vontade seja feita entre nós.

Durante este colóquio interior seu aspecto manifestava a viva comoção de sua alma. Seu pai, sempre com os olhos fixos nele, teria desejado chegar perto do querido filho e banhá-lo com suas lágrimas; mas não quis interrom-

per o agradecimento que ele tinha iniciado. Pedro recitou com os colegas alternativamente os atos que se fazem depois da comunhão, em seguida se retirou num canto da igreja e ainda passou meia hora lendo um livro devoto. Depois, para satisfazer seu pai e sua mãe, cheio de contentamento que experimenta quem realiza a maior ação da própria vida, concorda com seus pais e vai com eles para casa.

Em todo aquele memorável dia, Pedro foi constantemente um modelo para seus colegas e para quem pôde observá-lo. Depois de um almoço frugal, do qual participou o pai e ainda mais a afortunada mãe, voltaram para a igreja onde, naquela tarde, devia haver uma pregação, a fim de encorajar a perseverar no bem todos os que de manhã tinham feito a sua comunhão. O pai fez questão de acompanhar ele mesmo o próprio filho. Este, sempre repleto do pensamento do seu Deus, ficou triste em observar a dissipação que de tarde mostraram aqueles mesmos meninos que de manhã tinham feito a comunhão.

Outro louvável costume que há em muitas localidades e que seria desejável houvesse em toda parte, consiste na renovação das promessas batismais no mesmo dia em que os meninos fazem a sua comunhão pascal. E como não é costume fazer entre nós, Pedro quis fazê-lo em casa, na presença de Deus, de seus pais, e de toda a sua família.

Colocando-se de joelhos, com um pequeno crucifixo nas mãos, pronunciou com voz firme e sonora: eu renuncio para sempre ao demônio, às suas pompas e às suas obras, e prometo consagrar-me a Jesus por toda a minha vida. O pai não pôde aguentar mais ao ouvir aquelas ternas e sublimes expressões. Sentiu seu coração apertar; também eu, começou a dizer, fiz esta promessa, mas como é que a cumpri? A primeira comunhão para mim não foi mais do que uma formalidade que devia ser feita. Oh, se eu tivesse tido uma mãe como a de Pedro, certamente não teria abandonado os sacramentos no mesmo ano da minha primeira comunhão. Eu teria feito a felicidade para minha mulher, que merece um marido bem diferente do que sou; teria abandonado o bar e os falsos amigos, e um ganho honesto teria entrado na minha casa, com uma vida feliz para toda a família. Oh, Pedro! Tu me fizeste conhecer a verdadeira felicidade; perdoa teu pai. Meu Deus, perdoai este miserável; e dado que fostes tão bom para tornar meu filho tão feliz, eu também espero que vós não recusareis o meu arrependimento e a resolução que eu faço agora de começar uma vida nova, pois quero ser feliz como é meu filho e fazer a felicidade da minha família.

Parecia mesmo que naquela tarde a paz de Deus tivesse entrado naquela família. Que doçura para o coração de todos! Mais do que todos, eram felizes

a mãe e o filho por terem junto o chefe da família. Que alegria indizível o pai saboreava, alegria que esperava conservar por toda a sua vida!

As orações da noite foram feitas em comum, o pai tomou parte pela primeira vez. Quem pode imaginar a consolação da pobre esposa, vendo seu marido posto de joelhos em meio a toda a família? Nada podia ser comparado com a sua felicidade. Todavia, ela tinha um temor: estas boas intenções, dizia a si mesma, será que vão durar? Eu rezarei de todo o coração, e Pedro, que é tão íntimo do bom Deus, rezará ele também a fim de que ouça nossos pedidos e nos atenda.

Antes de deitar, Pedro abriu a janela que dava para a igreja, e dirigindo ainda um doce afeto a Jesus, que de manhã se tinha dado a ele, disse: eu vos saúdo ainda uma vez, meu bom Jesus, fazei que eu seja todo vosso agora e para sempre. Em seguida, com o coração cheio de santos afetos e o pensamento voltado para Deus, entre os braços do seu Anjo da Guarda, adormeceu.

Capítulo V. A conversão do pai

Na segunda-feira ficou decidido que Pedro voltaria a trabalhar na fábrica de fósforos até completar doze anos, e que de noite continuaria a ir à escola para aprender bem a ler e escrever. O pai trabalhou normalmente a manhã toda e depois do almoço, segundo seu malfadado costume, deixou seu local de trabalho. Sua mulher, muito inquieta, observava seus passos e ficou profundamente aflita quando soube que ele não tinha ido trabalhar.

Um companheiro o tinha arrastado, embora contra a vontade, e ele já estava no bar.

O que tens, lhe disse o companheiro, o que te deixa tão triste? Por acaso apanhaste da mulher? Esta estocada, acompanhada de uma gargalhada, despertou nele a lembrança do que tinha passado por seu coração no dia anterior.

João. – Eu estou aqui, respondeu ele, mas não sei onde deveria estar; aqui não cumprio meus deveres, nem faço o que deveria fazer. Adeus, quero ir embora.

Companheiro. – Vamos, vamos; por acaso é o teu Pedro que te faz girar a cabeça? Porque me disseram que ontem tu deste uma de impostor na igreja. Manda embora a tristeza, fica alegre. À tua saúde, viva a alegria! As coisas de igreja são para mulheres e crianças.

João. – Sim, mas minha mulher e meu filho são mais felizes do que eu, pois eles têm a consciência tranquila e eu estou aqui atormentado por remorsos.

Companheiro. – Vamos, alegre-te, toma um copo de vinho, dois copos, e verás como o bom tempo volta logo.

João. – Isso é impossível.

Companheiro. – Tá bom, tá bom! Eu vou encontrar logo o remédio. Balconista, traga uma garrafa, do bom, do melhor! Aqui está o remédio que cura todos os males; bebamos; à saúde de tua mulher e da minha!

Naquele momento, Pedro passa por perto, voltando do trabalho: seu pai o vê; para ele foi como um raio caído do céu. Levanta-se depressa, corre para a porta, chamando: Pedro, Pedro, escuta, vem aqui, meu querido!

Pedro. – Papai, papai, o que estais me pedindo? Sabeis muito bem o que ontem prometi a Deus. Querido papai, abraçai-me, eu volto ao meu trabalho.

O pobre Pedro, todo triste, entrou na fábrica de fósforos. Resolveu não dizer nada, antes, redobrar as orações pelo seu pobre pai. Entretanto, João voltou para o bar, mas parece atordoado; seu companheiro percebe e começa a dizer-lhe assim: eu te falei, amigo, que era teu filho que te fazia girar a cabeça. Também o meu ontem fez a sua comunhão. Ele já se livrou dessa obrigação; não te preocupes, ele será o que quiser. Irá à igreja quando quiser; eu nunca o impedirei, mas quando for adulto, tenho certeza de que fará como seu pai e sua mãe. Olha, aqui está, à tua saúde; vamos, manda a tristeza passear!

Esta asneira sem tamanho, em vez de fazê-lo sorrir, lhe oprimiu ainda mais o coração. A lembrança de sua esposa e do seu Pedro martelava continuamente na sua cabeça.

João. – É impossível achar graça; eu vou abandonar esse copo, boa-noite, vou-me embora, até mais. Dizendo isso, saiu.

Companheiro. – Que é isso, João, espera, uma palavra só. Mas João já tinha saído e não voltou mais. Aí está, disse o companheiro, aí está um impostor, que se deixa conquistar por conversas de mulheres e crianças.

Outro companheiro. – É verdade, mas ele não está totalmente errado, pois tem uma mulher virtuosa e um menino tão bom que merece o melhor. Esse, sim, ama de verdade seu pai e não lhe responde com arrogância, como faz o meu! Quando penso que ontem de manhã, depois da sua comunhão, chegando em casa, me tratou com insolência, como se faz com um cachorro, ah, o que vai ser mais tarde, quando tiver dezoito ou vinte anos? Ele não terá mais fé, nem lei, zombará de seu pai e de suas ordens, precisamente como fazia sempre. É preciso confessar, é a religião que torna a esposa de João tão virtuosa, seu filho tão respeitoso e obediente; é a religião que traz felicidade para a família. Certamente, se tivesse tido uma mulher como a dele, e se meu

filho tivesse tido a sorte de ser criado como o dele, eu não seria tão desgraçado e obrigado a espantar a tristeza da vida com uma garrafa de vinho.

Mas, aonde foi o pai de Pedro? Como se tivesse perdido a cabeça, desmemoriado, caminha cambaleando da praça para fora da cidade, sem saber para onde ir. De repente, sem se dar conta, está diante da igreja onde, no dia anterior, tinha provado tão doces consolações. Vamos, ele murmura, o Deus de Pedro e de minha mulher está aqui, eu quero entrar, aconteça o que acontecer. Seus passos o encaminham irresistivelmente para o altar onde tinha sido testemunha da felicidade do seu filho; maquinalmente se põe de joelhos. Repassando em seu coração as emoções do dia anterior, sente-se tomado de arrependimento e de tamanha comoção que seus olhos se desfazem em lágrimas. Por longo tempo ficou ali absorto em suas reflexões, quando sente que alguém o toca no ombro: era o padre da igreja. Desconfiando que o homem estivesse passando mal, o padre o toma pelo braço e o leva para a sacristia. E lhe diz: vós me pareceis estar sofrendo de algo muito doloroso, contai-me os vossos sofrimentos, eu sou ministro do Deus da consolação; o que eu poderia fazer para confortá-lo?

Um profundo suspiro foi a sua resposta.

Padre. – Falai, amigo, eu sou um pobre padre que já viu de tudo em termos de miséria, qualquer desgraça humana não me impressiona mais; falai, abri vosso coração, vós estais falando com um amigo. Animado por estas doces palavras, que jamais tinha ouvido da boca de seus falsos amigos, ele conta as suas impressões do dia anterior, seus suspiros, suas promessas, a bondade e amabilidade da esposa, a docilidade e as carícias do seu filho maior.

Padre. – Pois bem, meu amigo, não é por acaso vosso desejo de tornar-vos digno da vossa família e de reconquistar a amizade com aquele Deus que tornou vosso filho tão feliz?

João. – Ah, sim! É isso que eu quero, é precisamente isso que de ontem para hoje me atormenta continuamente a alma.

Padre. – Isso não é um tormento, meu caro, é a graça de Deus que vos convida, é Deus que vos faz lembrar os vossos pecados e a sua infinita bondade, são as orações de vossa esposa e do vosso filho que subiram ao céu. Coragem, meu amigo, uma boa confissão, um propósito firme de mudar de vida, eis o remédio para o vosso tormento. Não é verdade, bom senhor, que estais disposto a confiar-me vossos remorsos de consciência?

João. – Gostaria de todo o coração, pois vós me pareceis tão bom; mas o que dirão meus companheiros?

Padre. – Por acaso, são os companheiros que vos darão a felicidade que não tendes? Vede para que servem vossos companheiros. Eles só servem para vos fazer beber, para vos fazer gastar muito mal o vosso dinheiro, afastar-vos da vossa mulher e de um filho que vós amais, e dos quais sois ternamente amado. Deixai que os companheiros falem o que quiserem, mostrai que sois homem e tendes coragem, que não tendes vergonha de cumprir os próprios deveres. Quando tiverem falado de vós e dado suas risadas, calarão, vos louvarão, e por fim dirão: pelo menos este cumpre livremente o seu dever.

João. – Vós tendes razão; vede, minha mulher pensa que estou no bar, eu acabei indo para lá arrastado por um resto de mau hábito; um companheiro me enganou, apesar de ser contra minha vontade: eu não consegui me furtar ao seu convite; em seguida fui embora, andei de cá para lá, da praça até fora da cidade, quando finalmente me encontrei por acaso diante desta igreja e entrei...

Padre. – Pois bem, meu amigo, é Deus que vos conduziu para aqui; ele vos ama muito, como podeis constatar. Ele quer restituir-vos a tranquilidade da vossa alma e restituir a felicidade à vossa família. Amigo, ouvi sua voz, eu tenho compaixão de vós; vós não sois feliz. Aceitai o meu conselho: colocai-vos lá de joelhos, fazei uma boa confissão e logo sentireis a paz entrar de novo no vosso coração.

Pronto, o sacrifício do amor próprio estava feito, o respeito humano fora superado! Entre lágrimas e soluços, ele fez a primeira confissão; outra confissão ficou marcada para a tarde seguinte. Um bálsamo foi derramado sobre aquela alma há tanto tempo agitada por remorsos; uma alegria indizível ilumina o seu rosto. Como quem encontrou um grande tesouro, João, com o coração repleto de alegria, corre apressadamente para casa. A própria esposa está muito espantada ao ver o marido se apresentar com rosto alegre e sereno, e mais ainda pelo fato de ele voltar para casa antes do tempo normal da segunda-feira.

Ela lhe pergunta: donde vindes, João?

Eu venho do bar, em seguida venho da igreja, disse João. Fui dizer um adeus eterno ao primeiro, e na segunda encontrei um bom padre que me viu transtornado, a quem contei meu tormento, e ele me animou a usar o único remédio, a confissão. Realmente, movido pela sua bondade e gentileza, eu me entreguei a seus conselhos, e agora estou aqui todo contente comigo mesmo; e venho dar um esposo à esposa, um pai aos filhos, que por tanto tempo ficaram abandonados.

Não é possível exprimir a comoção da pobre mulher e a alegria de Pedro ao saber que seu pai tinha dado um adeus definitivo ao jogo e ao bar, tinha ido

à igreja e se tinha confessado. Precisaria um volume inteiro para falar da felicidade desta família reunida desde que o seu chefe mudou de comportamento e recuperou a graça de Deus por meio da absolvição dos seus pecados, e que recebeu no coração um Deus que por tanto tempo tinha ofendido.

Apesar da miséria, a alegria começou a morar naquela casa, pois todos praticavam a religião, única fonte da verdadeira felicidade. Uma amabilidade muito grande começou a reinar entre eles, pois o marido, no domingo e na segunda-feira, não mais jogava fora num só dia os ganhos de uma semana inteira. A esposa, bondosa e atenta, sempre encontrava um meio de economizar alguma coisa para oferecer meio litro de vinho ao seu marido depois do almoço do domingo, a fim de que ele não se privasse totalmente do prazer que lhe proporcionara o bar. Todos participavam dos ofícios divinos na igreja; depois da pregação e da bênção, o pai e os filhos iam dar um passeio; no inverno passavam suas tardes, em família; às vezes o pai, com o seu querido Pedro, vinha até nossa casa, passar a tardinha em agradável e honesta diversão, assistindo as encenações, as comédias ou coisas semelhantes que costumamos oferecer no nosso Oratório nas noites festivas de inverno.

Na segunda-feira, o trabalho progredia como nos outros dias da semana.

Os companheiros de João fizeram um pouco de barulho a respeito dele por causa do seu novo modo de vida, mas logo se cansaram, deram lugar à estima, que ele soube inspirar neles com o seu bom comportamento.

Manhã e noite recitavam as orações em comum; todos se aproximavam com frequência da confissão e da comunhão; muitas vezes foram vistos, pai, mãe e filhos, um depois do outro, fazerem a sua confissão, e em seguida todos juntos receberem devotamente a comunhão.

Assim, uma família, por diversos anos mergulhada na desolação por causa de um pai transviado que incautamente esquecera os deveres de marido e de cristão e também esquecera a religião, depois de doze anos de tribulação, voltou a viver dias de paz e tranquilidade, porque somente a religião ou a graça de Deus podem tornar o homem verdadeiramente contente e feliz.

Capítulo VI. As vicissitudes da juventude

Certamente o leitor quererá conhecer a continuação desta narração; de bom grado vou satisfazê-lo; todavia, para manter-me dentro de uma discreta

brevidade, considero oportuno omitir o que se refere aos pais de Pedro, e deter-me unicamente nos acontecimentos que se referem a ele.

Começarei referindo os propósitos feitos na sua primeira comunhão, acenando rapidamente à maneira como ele os observou na sua juventude.

Um dia, chegou às minhas mãos um livro de orações; abri e encontrei um pedacinho de papel escrito com letra firme, mas com alguns erros de ortografia. Comecei a lê-lo e logo me dei conta de que eram as anotações de Pedro por ocasião da primeira comunhão. Embora escrito com palavras muito simples, como é fácil de compreender num menino de onze anos e que apenas começou a ler e escrever, todavia, dada a candura e a importância do assunto, julgo oportuno transcrevê-lo aqui sem nenhuma correção, certo de que poderá servir de modelo para todos os que fazem a primeira comunhão. Aqui está, portanto.

“Regras de vida estabelecidas por mim, Pedro, no dia feliz em que fiz a primeira comunhão, em 12 de abril de 1845, com a idade de 11 anos completos.

“Ponho-me de joelhos e na presença de Deus, prometo que amanhã, apenas tiver recebido a sagrada hóstia, farei os seguintes propósitos a fim de poder salvar a minha alma.

1º Prometo que Deus será sempre meu pai e Maria Santíssima, minha mãe, e eu quero amá-los e obedecer-lhes.

2º Confessar-me cada quinze dias ou uma vez por mês, e comungar segundo a autorização que me dará o confessor.

3º Santificar as festas de preceito, indo sempre à missa, à pregação e à bênção do Santíssimo.

4º Todos os dias ler algumas páginas de um livro de devoção e todos os dias recitar uma *Salve Rainha* à Virgem Maria por meu pai e minha mãe, para que se salvem.

5º Com humildade de coração pedirei a Jesus, quanto estiver em mim, duas graças especiais: 1ª de poder fugir sempre dos maus companheiros; 2ª de poder conservar a virtude da modéstia até o fim da minha vida, como fez São Luís.

6º Lerei e renovarei estes propósitos uma vez por mês, de joelhos, diante do crucifixo. Assim seja.

Santa Maria, salvai a minha alma, a alma de meu pai, de minha mãe, e a alma dos meus irmãos e das minhas irmãs. Assim seja.”

Estes são os propósitos que Pedro fez na sua primeira comunhão. Como é fácil perceber, o bom Pedro ajeitou da melhor maneira alguns sentimentos, talvez ouvidos nas pregações do tríduo feito em preparação à Páscoa, da maneira que lhe parecia melhor. Apesar disso, ele considerou ser seu dever sagrado observá-los.

Antes de lhe devolver o livro de orações, perguntei-lhe se até então tinha mantido as promessas feitas e escritas naquela lembrança. Até agora, sim, me respondeu, e espero mantê-las até a minha morte. Creio que seria uma grande mentira dizer a Deus uma coisa e depois não cumpri-la.

Chegando à idade de treze anos, os pais de Pedro, vendo-o capaz de assumir uma nova profissão, colocaram-no a trabalhar na fábrica de algodão. O novo trabalho, embora rendesse algum soldo a mais em termos de ganhos temporais, era para ele um obstáculo para as práticas religiosas; pois seu patrão, ora com o pretexto de ter pressa nos trabalhos, ora por encarregá-lo de algumas tarefas especiais, fazia-o trabalhar o dia todo nos dias de preceito. Pobre de mim, dizia Pedro, Deus manda santificar os dias festivos e eu sou obrigado a profaná-los; de que jeito as nossas fadigas podem ser abençoadas por Deus? Falou sobre isso com os pais, que se sentiam mal em permitir que o filho continuasse nesse tipo de trabalho. A mãe dizia com frequência: imagina, Pedro, quanto sinto em ver-te passar a maior parte do dia do Senhor em trabalhos profanos. E assim mesmo, não sei o que fazer. Falei com o nosso padre e ele me aconselhou a ter paciência, porque não é possível agir diversamente; entretanto, somos obrigados a buscar outro tipo de trabalho; enquanto isso, toleramos aquele patrão até que seja possível encontrar um trabalho mais adequado.

A Providência divina veio em socorro de Pedro, mostrando com os fatos, que o lucro dos dias santos leva todo o trabalho à ruína. Eis o caso. Houve um incêndio no estabelecimento do patrão; depois sua firma entrou em falência; morreram seus dois filhos; a mulher ficou por mais de um ano doente; de tal modo que foi obrigado a passar a outros a sua fábrica e, de patrão, tornar-se simples operário.

Enquanto estava com esse patrão, de que modo Pedro pôde praticar os deveres de religião? Quem deseja realmente fazer o bem, sempre encontra tempo para isso. Todos os domingos, levantando-se muito cedo, antes de ir ao trabalho, ouvia a santa missa, após a qual se fazia a pregação. Depois do almoço, se possível, ia também à instrução, senão, no fim do dia, frequentava a bênção do Santíssimo em alguma igreja. – Também encontrava tempo para se confessar. Se não podia ir num dia, ia no sábado à tarde, sempre com o mesmo confessor, fazendo depois a comunhão no domingo; às vezes, muito

cedinho, antes de ir para o trabalho. Era também perseverante em ler todos os dias algumas páginas de um livro de devoção; e dado que com frequência lhe faltava tempo, levava na sua sacola o *Jovem Instruído*, e na ida ou na volta do trabalho, lia algum trecho, que ele procurava decorar, para depois, como costumava dizer, dá-lo em alimento aos seus pensamentos, e alguma vez também para contá-lo aos seus colegas.

O novo patrão de Pedro foi mais humano e também mais cristão do que o primeiro. Instruído pelas desgraças do seu antecessor e plenamente persuadido de que a santificação das festas é mandamento de Deus que traz consigo a bênção celeste sobre o que se faz durante a semana, fazia com que todos cumprissem suas tarefas e que todos estivessem no local de trabalho na hora marcada; mas no sábado à noite mandava fechar o estabelecimento e não o abria a não ser na segunda-feira. Esta decisão foi sua fortuna. Todos iam trabalhar de boa vontade, eram pontuais no cumprimento do próprio dever, e ninguém gazeava a segunda-feira; assim, os seus trabalhos progrediam prosperamente.

Pedro também foi muito favorecido pelo novo patrão, o qual, observando sua fidelidade, pontualidade, dedicação, logo lhe aumentou a diária: de dez soldos passou a pagar-lhe quinze. E dado que, mediante a assiduidade às aulas noturnas, Pedro chegou a aprender bem a aritmética e o sistema métrico, com elementos da língua italiana, seu patrão o considerou capaz de manter o registro do trabalho de determinado número de companheiros, com o encargo de vigiar para que não acontecessem desentendimentos ou se estragasse alguma coisa ao fiar e ao tecer o algodão.

Este encargo agradou aos companheiros, que não podiam ter um assistente mais paciente, mais caridoso; contente ficou o patrão, que dificilmente teria podido confiar essa tarefa a pessoa mais fiel e mais diligente do que ele. Contente ficou também Pedro, pois, com aquela sua autoridade, enquanto vigiava que cada um atendesse ao próprio trabalho, podia também impedir blasfêmias ou nomear o santo nome de Deus em vão, ou ter más conversas. O que mais? Para quem ama a Deus, tudo corre bem. O patrão, observando o bom comportamento de Pedro e as vantagens em tê-lo como responsável, lhe aumentou diversas vezes o pagamento. De tal modo que Pedro, apenas com dezessete anos, já tinha alcançado um estipêndio fixo de dez francos por semana. O que foi um verdadeiro dom da Providência, pois seu pai, que há vários meses sofria de alguns incômodos, não podendo mais cumprir seu dia de trabalho, a manutenção da família ficava quase toda por conta de Pedro.

Quantas vezes a bondosa mãe abençoava o tempo usado na educação do filho! Quantas vezes o pai agradecia a divina Providência por ter-lhe dado uma esposa que soubera insinuar tão bem princípios religiosos no coração do seu Pedro, que então era a consolação e o sustento da família inteira.

Capítulo VII. Fatos particulares

Não pensemos que Pedro não tenha tido maus encontros, pois a juventude é a idade dos perigos e estes se acham por toda parte e entre todos os tipos de pessoas. Pedro teve muitos deles: mas com sua coragem e com a ajuda da graça de Deus, livrou-se de todos, sem se deixar arrastar pela corrente do mal. Contarei alguns.

Num dia santo, era dia de São Pedro, alguns companheiros o convidaram para ir com eles numa festa. Vem, Pedro, lhe disseram, queremos pagar-te um bom lanche.

Pedro. – Obrigado, meus amigos, irei de bom grado, mas depois de ter assistido as celebrações da igreja.

Colegas. – Depois iremos também às celebrações, temos tempo.

Pedro. – Não, antes vamos fazer o que Deus manda, depois o que os homens querem.

Colegas. – Se formos com você à igreja, virá com certeza?

Pedro. – Irei com certeza, mas com a única condição que vocês já conhecem.

Colegas. – Qual?

Pedro. – Que não tenham más conversas.

Os colegas, pelo prazer da companhia agradável de Pedro e também porque esse era o desejo dos pais de cada um deles, foram às vésperas, à pregação e à bênção do Santíssimo. Tendo ido em seguida para o lugar acertado para o piquenique, de repente Pedro se viu num imbróglio tanto mais grave quanto menos podia imaginar. A festa de São Pedro naquele ano caía numa sexta-feira, e aqueles jovens, em boa fé ou por malícia, o fato é que mandaram preparar um lanche com carne. Pedro se deu conta imediatamente da embrulhada em que se tinha metido. Sim, vocês me aprontaram uma muito boa, começou a dizer aos companheiros.

Um colega. – O que é, Pedro?

Pedro. – Vocês não lembraram que hoje é sexta-feira? A nós cristãos não é permitido comer carne nesse dia.

Colegas. – É verdade, não pensamos nisso; mas, agora, o que fazer, agora que está tudo pronto?

Pedro. – Agora não deixa de ser sexta-feira, nem o mandamento da Igreja deixa de obrigar.

Colegas. – Mas nós não pensamos nisso, nem fizemos de propósito.

Pedro. – Mas se agora comemos carne, pensamos e a comemos de propósito.

Colega. – Pedro, eu creio que, por uma vez, podemos comer tranquilamente.

Pedro. – Eu sei que é proibido comer carne na sexta-feira, no sábado e nas outras vigílias prescritas; nem eu vejo como se possa comer uma só vez, sem que haja um motivo grave, como seria uma doença grave.

Outro colega. – Pedro, deixe tudo na minha consciência; outrora, sim, que era proibido, mas agora todos comem.

Pedro. – Você é bem engraçado em querer assumir essa responsabilidade na sua consciência; mas se eu vou para o inferno, você não virá tirar-me de lá. Além disso, nunca ouvi dizer que os preceitos da Igreja se podem transgredir sem pecar.

Colega. – Mas nos tempos atuais todos comem.

Pedro. – Desculpe, não é verdade que todos comem: eu conheço muitos que fazem abstinência nos dias em que é proibido comer carne; e mesmo que no caso de todos comerem, por acaso no inferno não haveria lugar para todos? Talvez nos tempos atuais não é mais Deus quem manda? Mudam os tempos, mudam os homens, mas a lei divina nunca muda.

Colega. – Não é Deus que manda fazer abstinência, mas a Igreja.

Pedro. – Mas é Deus que governa a Igreja, portanto, o que a Igreja manda, é Deus que manda.

Colega. – Pedro, escute com calma: que importa a Deus se nesta tarde eu como uma fatia de salame ou uma fatia de queijo?

Pedro. – Que importa a Deus que Adão tenha ou não comido aquela fruta? Entretanto, você sabe o castigo terrível que lhe caiu nas costas. Caro amigo, nas coisas mandadas por Deus, não devemos perguntar o que importa a Deus, mas quais são as conseqüências a nosso respeito. Não posso impedir vocês de comer carne; mas eu nunca comerei.

Colega. – Mas, Pedro, você não sabe que quando há uma causa grave, pode-se comer carne? Quando meus pais estão doentes não reparam se é sexta-feira.

Pedro. – Está bem o que você diz, mas aqui não vejo nenhuma causa grave; nós estamos em plena forma.

Colega. – Tudo bem, mas o que você quer que façamos com isso aqui?

Pedro. – Eu sou amigo de vocês, sou seu colega, mas não sou seu economo. Isto aqui se pode conservar ou fazer disso outro uso, mas não comer.

Outro colega. – Escute, Pedro. Você sabe muito bem que estamos em tempo de constituição, em tempo de liberdade; tempo em que cada um pode escrever, falar, pensar, fazer como quer.

Pedro. – A liberdade de que você fala não pode existir nas coisas mandadas ou proibidas pela legítima autoridade humana, quanto menos quando mandadas por Deus. No céu não há constituição que possa anular a lei divina: nem entre os preceitos de Deus há liberdade para fazer ou pensar como cada um quer. Sua santa lei é eterna; obrigava ontem, como obriga hoje; e nenhum ser humano pode introduzir nela a mínima mudança. Se vocês quiserem insistir quanto à palavra liberdade, façamos assim: eu os deixo em liberdade para comer o que vocês quiserem; e dado que eu não posso impedir vocês, vocês também certamente serão tão gentis de me deixarem em liberdade para comer o que eu quero.

Ouvindo essas palavras, mais ninguém quis fazer alguma observação a Pedro; e deixando de lado qualquer discussão, puseram-se à mesa para comer, e Pedro com eles. Os olhos de todos estavam voltados para Pedro. Ele, entretanto, muito alegre, toma um pedaço de pão com cerejas e se põe a comer com grande apetite. Vendo isso, um colega comenta: se Pedro come desse jeito, eu também vou fazer o mesmo; e deixando de lado o frango e o salame, que já estavam postos nos pratos, pegou uma fatia de queijo. Em seguida, outro, depois um segundo, um terceiro, outro ainda... acabam fazendo o mesmo.

Agora eram somente três os que comiam carne. Embora lhes desagradasse ter que parar, todavia, confusos pelo exemplo dos outros e pelos remorsos de consciência, também eles começaram a comer somente queijo e fruta. Comeram alegremente. Pedro não podia conter em seu coração a alegria ao ver que conseguira impedir que seus colegas ofendessem a Deus. Terminado o lanche, Pedro divertiu muito seus amigos com algumas anedotas e brincadeiras inocentes; pois, embora fosse muito reservado no falar, era muito alegre e brincalhão nas conversas, e quando estava com outras pessoas, podia-se dizer que era a alma do grupo.

Chegando o fim da tarde chegava ao fim também a diversão. Quando todos estavam para voltar para a própria casa, Pedro os saudou desse jeito: colegas, vocês hoje me deram uma grande prazer ao proporcionar-me a opor-

tunidade de honrar o Santo de quem trago o nome. Mas a minha alegria foi muito maior quando vi que todos vocês acabaram fazendo abstinência. No futuro, vocês todos serão meus queridos amigos e, dado que hoje pagaram tudo, eu os convido para depois de amanhã, domingo à tarde, virem à minha casa comer um pouco de carne por minha conta. Meus pais me querem muito, eles também tomarão parte na nossa alegria. Os colegas aceitaram o convite, e no domingo seguinte, depois de cumprir os deveres religiosos, foram para a casa de Pedro. Seus pais, que desejavam festejar o dia onomástico do seu querido Pedro, ficaram muito contentes por aquele encontro, de tal modo que a mãe caprichou para que nada faltasse do que podia contribuir para uma saborosa refeição entre verdadeiros amigos.

Assim, Pedro teve a alegria de ver aqueles seus colegas encaminharem-se para as celebrações sagradas e impedir que violassem os preceitos da Igreja. Além disso, se tornaram amigos fiéis de Pedro, e nos dias santos continuaram a ir com ele para a igreja, nada omitindo do que deve fazer um bom cristão para santificar o dia santo. Quanto bem pode fazer um companheiro corajoso e verdadeiramente cristão, e que não se deixa dominar pelo respeito humano!

Capítulo VIII. Singularidade da sua devoção

Deus diz que o caminho pelo qual um jovem envereda nos primeiros anos de sua vida haverá de percorrê-lo na sua juventude, na idade madura, na velhice, até o túmulo. Feliz quem tem a dita de se entregar a Deus na juventude! Eles já têm um penhor quase certo da salvação eterna. Esse tipo de felicidade coube ao nosso Pedro. Ele se entregou a Deus logo cedo e com o andar dos anos cresceu maravilhosamente na virtude. E o que mais impressiona é que, quanto mais ele procurava se aproximar de Deus, tanto mais se escondia aos olhos dos homens.

Por isso, aqui acenarei a alguns episódios que se referem à singularidade da devoção de Pedro.

Nos dias santos, depois das celebrações sagradas, entre nós é costume organizar jogos no recinto do Oratório, para que os meninos que o frequentam possam passar o tempo agradavelmente em honestos divertimentos. Pedro assistia, conversava, animava e se divertia com os divertimentos dos outros, mas quase nunca tomava parte neles. O que ele fazia, então? Quando todos os colegas estavam brincando, cantando, correndo, jogando e coisas semelhantes, eu o via espertamente se afastar e com muito jeito ia para a igreja. Observando-o, sem que ele percebesse, dei-me conta de que toda a sua esper-

teza o levava a fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento, a recitar o terço e a percorrer as estações da *Via Sacra*.

Perguntando-lhe um dia que, com toda a confiança, me dissesse por que escolhia aquele tempo para rezar, e que finalidade ele tinha para aquelas orações, respondeu: escolho essa hora porque os meus colegas, estando ocupados no recreio, não vêm me perturbar. E essas orações têm como finalidade sufragar as almas do purgatório. Pobres almas, ele dizia, comovido, pobres almas! Nós podemos sufragá-las e fazer com que elas vão imediatamente estar junto de Deus; não seria crueldade omitir o que podemos fazer para aliviá-las?

Apesar da sua diligência em escolher o tempo em que não fosse observado, todavia, alguns colegas, também eles muito devotos, deram-se conta e lhe seguiram o exemplo. Dali surgiu o costume que se conserva ainda hoje de recitar o terço depois da bênção do Santíssimo Sacramento, do qual participa somente quem quiser, sem haver nenhuma obrigação, enquanto a maior parte dos jovens se diverte no pátio.

Seu coração era tão bom e afetuoso que se enternecia ao ouvir falar de coisas espirituais. Bastava falar-lhe do paraíso, do amor de Deus ou dos seus benefícios, que ele logo se comovia. Um dia, estando perto de mim junto com seus companheiros, disse-lhe estas palavras: meu caro Pedro, se você for sempre bom, que grande festa faremos um dia no paraíso junto com Deus! Estaremos sempre com ele, lá nos saciaremos com suas delícias e o amaremos eternamente! Ouvindo essas palavras, ditas quase por acaso, eu o vi imediatamente empalidecer, desmaiar, e certamente teria caído ao chão se os colegas não o tivessem amparado.

Lembro um caso ocorrido em Giaveno, quando um grupo de jovens foi fazer os exercícios espirituais. No início de cada pregação ele se punha em algum canto, como para observar de que assunto o pregador iria tratar. Notei que às vezes ele ia se aproximando sempre mais do pregador, outras que saía depressa da igreja. Vendo que isso ocorria com frequência, eu quis saber o motivo; por isso, um dia lhe perguntei: Pedro, que novidade é essa, que você não ocupa seu próprio lugar como os outros colegas? Por que fica no fundo da igreja? Ele respondeu: faço isso para não importunar meus colegas. Respondi: de que modo você receia importunar os colegas? Veja, me respondeu, se o pregador tratar do pecado mortal, não posso suportar, sinto meu coração oprimido de tal modo que preciso sair ou gritar.

Então compreendi por que, às vezes, ele saía improvisamente da igreja do Oratório, apressadamente, e até mesmo gritava ou fazia movimentos estranhos. Por isso, quando ele estava presente nas minhas pregações, eu procurava

moderar as minhas expressões; mas bastava pronunciar a palavra pecado mortal com um pouco de emoção, que depressa ele saía do banco e fugia. Razão pela qual, no momento da pregação, costumava ficar perto da porta da igreja.

Esses fatos, segundo os mestres de vida espiritual, demonstram duas verdades importantes. Em primeiro lugar, nos mostram quão pura e inocente era a alma de Pedro, se ele sentia tão forte emoção só de ouvir falar das coisas espirituais. Depois, quão profunda e enraizada era a sua aversão ao mal; doce presságio da continuação na virtude para o futuro.

Apesar das muitas ocupações a que ele devia atender junto ao próprio patrão e na sua própria casa paterna, encontrava tempo para a oração e para as demais práticas religiosas. De manhã, levantava bem cedo, ouvia a santa missa, durante a qual recitava as orações comuns e o santo terço, e muitas vezes fazia também a comunhão. Ao meio-dia, dispunha de duas horas de tempo que ele, em vez de passá-las brincando, como muitos fazem, ajudava seus pais a ajeitar as coisas de casa, fazia com que seus irmãos menores recitassem as lições da escola, e em seguida, um quarto de hora antes do tempo estabelecido, já estava a postos no seu lugar de trabalho para distribuir a cada um a própria tarefa, à medida que os companheiros iam chegando.

Ocupava conscienciosamente qualquer retalho de tempo e, podendo, ao trabalho material unia a oração. Ao ir e voltar do trabalho, ao cumprir tarefas em lugares um tanto afastados, se estava sozinho, entregava-se à oração. A este propósito não quero deixar passar um fato do qual eu mesmo fui testemunha.

Uma tarde, perto do escurecer, eu voltava para casa passando pela alameda que do rio Pó vai até Porta Palazzo. Chegando a certo ponto do caminho, alcancei um jovem que carregava um pesado tronco de madeira revestido de grossos pedaços de ferro em forma de cravos. Parecia que o rapaz, sob o peso daquela madeira, falava alguma coisa. Pobre rapaz, pensei, deve estar muito cansado. Quando cheguei perto, vi que, ao inclinar a cabeça como se costuma fazer para o *Gloria Patri* ou quando se pronuncia alguma coisa de grande veneração, ele rezava. Era Pedro.

Pedro, eu lhe disse, você me parece muito cansado!

Pedro. – Não muito; fui fazer um serviço para meu patrão, levo o cilindro de uma máquina que se estragou e que ele mandou consertar.

Eu. – Eu tinha a impressão de que você estava falando; com quem?

Pedro. – Veja, esta manhã não pude ir à missa, por isso não rezei o terço, e como estou sozinho pelo caminho, aproveito para rezá-lo agora, porque hoje

é terça-feira, dia em que morreu minha tia que me tinha feito tantos favores. Não podendo demonstrar-lhe de outra forma a minha gratidão, todas as terças-feiras rezo o terço pela sua alma.

Exemplo muito digno de imitação, especialmente pelas pessoas que receberam algum benefício. A oração é um meio facilímo e muito eficaz para recompensar de alguma forma quem nos beneficiou.

Capítulo IX. A separação da casa paterna

Um fato desconcertou toda a família. Foi a convocação para o serviço militar, à qual Pedro teve que se submeter por causa da idade. A sorte não o favoreceu e teve que se alistar no exército. Não se pode dizer a desolação de seus pobres pais.

Pobre de mim! Ia exclamando o pai, doente, estou chegando à velhice; as forças e a saúde me abandonaram; não consigo nem ganhar a minha comida; o único sustento era meu filho Pedro. Agora ele vai para o exército; pobre de mim, pobre da minha família! A desolação e a miséria vão me levar logo para o túmulo.

Pedro. – Não vos preocupeis, papai, somos cidadãos, devemos servir a pátria. Também nisto é preciso reconhecer a vontade de Deus. Toque a quem tocar, é preciso ter paciência e conformar-se. Nem quero que vos lamenteis por medo da miséria. Vamos pôr nossa confiança em Deus; observemos a sua lei, ele não deixará de vir em nossa ajuda.

Pai. – Mas quem me ajudará?

Pedro. – Deus será a nossa ajuda; minha mãe continuará a dar-vos assistência; tenho dois irmãos que já começam a ganhar alguma coisa; eu também farei o que puder para vos ajudar.

A mãe, sempre bondosa e solícita pelo bem espiritual do filho, mais ainda do que pelo bem temporal da família, na noite que precedia a partida de Pedro, levou-o a um quarto um tanto afastado e, tomando-o pela mão, lhe disse: Pedro, amanhã tu deixarás a casa paterna, deixarás teus pais; quem sabe se ainda nos veremos nesta vida. Quantos pensamentos estranhos apertam meu coração neste momento!

Pedro. – Não choreis, mamãe, vós me deixais desarmado falando assim.

Mãe. – Não choro por causa da tua partida; eu sou cristã e sei quais são os meus deveres para com Deus e para com a pátria! Mas, meu caro Pedro, a

lembrança de que já passaste vinte e um anos debaixo dos meus olhos, sempre bom, sempre amante da religião, sempre frequentando os santos sacramentos, sempre longe dos maus companheiros, agora que te vejo partir para prestar o serviço militar, no qual há tantos perigos por parte das pessoas com quem te encontrarás e dos lugares para onde serás enviado, ah, este pensamento me aflige, me faz penar e me faz temer alguma desgraça para a tua alma.

Pedro. – Compreendo o vosso sofrimento, mamãe, os vossos temores são fundados. Mas também nisto já pensei. Esta manhã fiz a minha confissão e a minha comunhão e, se com a ajuda de Deus eu puder manter os propósitos feitos e observar o regime de vida que estabeleci, estou certo de que evitarei todas as ofensas a Deus.

Mãe. – Serás bastante corajoso para não tomar parte em coisas proibidas pela santa lei de Deus?

Pedro. – Eu espero que sim; é o que já prometi e que prometo agora diante desta imagem de Maria, que desde a primeira comunhão sempre procurei honrar como minha querida mãe; sim, prometo manter-me constante no serviço de Deus, não dar atenção a quem fala mal, frequentar a oração e os santos sacramentos como fiz até agora.

Mãe. – Estas palavras, Pedro, me confortam profundamente. E dado que estamos aqui na frente desta imagem da Bem-aventurada Virgem, façamos um pacto: tu não deixarás passar um dia sem alguma oração a Maria, para que te conserve sempre longe do pecado; e eu todas as noites, antes de deitar, virei aqui me ajoelhar diante desta santa imagem e, onde quer que estejas, invocarei sobre ti as graças e as bênçãos desta mãe piedosa.

Nesse momento, ambos se comoveram de tal modo que começaram a chorar e a soluçar. O pai, percebendo, correu para o quarto onde eles estavam, seguido pelos outros filhos mais novos e então contemplaram a cena mais comovente do mundo. Os gemidos, os suspiros, as lágrimas, os soluços, foi coisa de todos. Um olhava para o outro com as lágrimas escorrendo e chorando, sem dizer palavras, até que Pedro, criando coragem, disse: é tempo de levantar os olhos para o céu e resignar-nos à vontade de Deus, nosso Criador. Ofereçamos a Deus esta separação dolorosa em expiação dos nossos pecados. Boa-noite, vamos todos dormir.

Os sofridos pais, confortados pelas ternas palavras do filho, também ofereceram a Deus o sacrifício das suas penas e foram para a cama, sem, porém, conseguir dormir um momento.

Na manhã seguinte, antes de partir, Pedro reuniu todos os irmãos e irmãs em redor da cama do pai, que pela fragilidade da saúde ainda estava

deitado, e com a sua costumeira afabilidade, recomendou-lhes calorosamente a santificação dos dias de preceito; aos irmãos, em particular, recomendou que tivessem cuidado com as más companhias e as blasfêmias. Entre outras coisas dizia: se vocês amarem a Deus e o servirem e forem obedientes a papai e mamãe, receberão grandes bênçãos espirituais e temporais.

A vós, mamãe, recomendo continuar a cuidar do papai. Sua saúde é frágil, por isso é mais digno da nossa compaixão e da nossa solicitude. Ele é meu pai.

A vós, papai, recomendo ter paciência e resignação: não temos riquezas; por isso será preciso tolerar alguma dificuldade: mas Deus levará tudo em conta. Embora eu deva viver longe de vós, não deixarei de pensar em vós e enviar-vos a ajuda que me será possível. Por ora, papai, tomaí isto... O que você está me dando, Pedro, disse o pai, atônito. Isto é tudo o que eu poupei em todos esses anos. Vós e minha mãe me dáveis sempre alguma coisa para minhas pequenas despesas, e eu pude dispensar esse tipo de coisas; assim, agora, conservo uma parte para mim, para as primeiras despesas quando entrar para o meu regimento: a outra parte é para vós: deixo-vos duzentos e cinquenta francos. Adeus a todos, não desanimeis, coragem!

Pedro queria partir, o pai queria falar-lhe, e não podia por causa da grande comoção, mas o segurava pela mão; entretanto, fazendo grande esforço, disse: aproxima-te, Pedro, e escuta estas palavras que talvez sejam as últimas que ouvirás de teu pai: *vai, Pedro, vai confortado, o céu te seja propício, e seja a consolação do teu coração o pensamento de que, com tuas fadigas salvaste e confortaste a vida do teu pai, com o teu comportamento salvaste a sua alma.*

Pedro, contente por ver seus familiares resignados à vontade divina, partiu e foi se integrar ao regimento para o qual estava destinado.

Capítulo X. A vida militar

É um fato que a vida militar é cheia de perigos para as almas boas, embora não falem superiores e simples soldados de conduta exemplar e de coragem verdadeiramente cristã; todavia, pelo ócio que com frequência se goza, particularmente em tempo de paz, ou por causa de certos livros e jornais irreligiosos que se difundem, por certas conversas que se fazem, por certos lugares e pessoas que o próprio dever leva a frequentar, resulta ser coisa rara encontrar alguém que volte do serviço militar com a santidade de vida e a honestidade de costume com que saiu de casa. Pedro foi um dos poucos abençoados por Deus e favorecidos com esta graça.

Decidido a não omitir nenhuma prática religiosa que fosse compatível com a sua situação militar, no primeiro dia em que se integrou ao grupo, à hora da refeição, antes de começar a comer, segundo seu costume, fez o sinal da cruz com uma breve oração, que não pôde terminar, porque interrompida por um longo oh! oh! oh!...

É um frade, dizia um; é um impostor, comentava outro: oh! oh!... Pedro, sem se intimidar, muito tranquilo, dizia a um companheiro: o que há? Talvez não tenha feito bem o sinal da cruz? Então farei de novo, melhor. E repete o sinal da cruz com a oração... e o murmúrio continuou. Fez o mesmo quando terminou de comer; agora a zoadada dos colegas já era menor...

Durante o dia, Pedro se aproximou deste e daquele. Alguns o consideravam um jovem calmo e tranquilo, outros um rapaz bem educado pelos pais. E muitos colegas, que também tinham entrado para o serviço militar havia pouco tempo, e que ainda alimentavam bons sentimentos, de bom grado se juntaram a ele para estreitar amizade. Entretanto, aconteceu que alguns, precisando escrever aos pais, não podiam porque não sabiam ler e escrever. Pedro, então, logo se ofereceu para ler e escrever suas cartas sempre que precisassem de ajuda, como bom amigo, sem nenhuma recompensa. Isso fez com que logo se unissem a ele outros amigos.

À noite, na hora de ir para a cama, Pedro se ajoelhou ao lado dela para rezar. Aqui a algazarra foi tal que o capitão teve que correr ao dormitório. Perguntando a razão da gritaria, começou a repreender a turma com a cara fechada: é assim que entre vocês se valoriza a religião? Todos deveriam praticá-la, isso sim; mas como cada qual é livre de praticá-la, quem não o quer, pelo menos respeite os outros. Não vou deixar passar em branco essa desordem, e se ela se repetir, os transgressores serão severamente punidos.

No dia seguinte, Pedro continuou a ajudar quem lhe pedia alguma coisa.

Que bom rapaz é esse Pedro, dizia um; leu para mim uma carta, escreveu outra, sem pedir nada; até a despachou para mim; realmente é um amigo que vale a pena conservar. A mim, dizia outro, leu um texto, acertou uma conta na qual eu devia pagar três francos, tudo gratuitamente. O próprio cabo responsável pela contabilidade, informado de que Pedro tinha uma letra bonita e conhecia bastante bem a aritmética e o sistema métrico decimal, o ocupou em alguns trabalhos urgentes, dos quais o contador sozinho não dava conta.

Na hora das refeições ou de ir dormir, fazia regularmente o sinal da cruz com as orações de costume, e os caçoadores foram diminuindo aos poucos, de

tal modo que depois de alguns dias, os mesmos que se riam dele se tornaram seus admiradores.

Todavia, o mais admirável vem agora: alguns colegas, que por puro respeito humano, não rezavam, começaram pouco a pouco a seguir seu exemplo, e ainda não tinham passado três meses desde que Pedro estava com eles que todo o dormitório onde ele dormia fazia regularmente suas orações. Ele agradecia a Deus pela coragem que lhe inspirava e se alegrou em seu coração por ver tantos colegas cumprindo suas obrigações religiosas.

Apesar disso, não faltaram alguns colegas viciados que o convidaram a participar de certas festas e a ir para certos lugares dos quais um jovem cristão e bem educado deve manter-se distante. Pedro sempre recusou esse tipo de convite. Um dia, alguns queriam quase arrastá-lo à força e dado que ele não queria em absoluto concordar, disseram-lhe: você não passa de um soldado bobo. Por quê? Perguntou Pedro. E eles: porque não se comporta como os soldados honrados. A honra do soldado, respondeu, consiste em guardar o corpo para seu rei terreno e a alma para o seu rei celeste; o que vocês pretendem desonra o verdadeiro soldado porque é proibido pelo rei do céu e pelo rei da terra. De fato, toda a solícitude de Pedro consistia no cumprimento dos seus deveres, dispor-se a ajudar quem precisava de algum favor, sem jamais tomar parte em alguma coisa contrária à santa lei de Deus.

Um colega que não tinha recebido de Pedro muita ajuda, um dia lhe disse: eu gostaria de dar-lhe um presente que fosse do seu gosto. Então me diga: de que mais você gostaria?

Pedro. – Se você quiser fazer alguma coisa que muito me agrada e que ao mesmo tempo me é útil, eu lhe peço: nunca nomeie o santo nome de Deus em vão. Este é para mim o presente mais valioso.

Colega. – Dou-lhe minha palavra de honra de que lhe darei esse presente e prometo nunca mais nomear o nome de Deus em vão; mas eu gostaria que você me pedisse também outra coisa.

Pedro. – Dado que você é tão gentil, pediria que nesse tempo pascal você se confessasse e comungasse, e que, além disso, rezasse a Deus por mim e pela minha pobre família.

Colega. – Que beleza! Você é um santo que veio estar entre nós. Saiba então que alguns colegas e verdadeiros amigos seus souberam que seu pai está doente e que passa necessidades. Por isso fizeram uma coleta e recolheram doze francos: este é o presente que eu estava encarregado de lhe entregar. Você só pede coisas úteis para a alma, e lhe garanto que cumprirei o que prometi; mas ao mesmo tempo lhe peço que em nome dos amigos aceite esta pequena quantia para enviar a seu pai.

Pedro aceitou com gratidão o dinheiro, que imediatamente enviou para seu pai, como iremos expor logo a seguir.

Capítulo XI. A morte do pai

O pai de Pedro realmente passava necessidades. Sofria de diversos incômodos e desde alguns meses estava quase sempre acamado. Os duzentos e cinquenta francos serviram para manter a família por aproximadamente oito meses. Crescendo, porém, as despesas, subindo o preço dos alimentos e, além disso, ficando desempregados os dois filhos que já ganhavam alguma coisa, a miséria chegou ao ponto máximo. Sabemos como era a situação daquela família por uma carta que a mãe mandou escrever para Pedro. Ela dizia:

Caríssimo Pedro,

A mão de Deus continua a pesar sobre nós; depois de tua partida, a saúde de teu pai piorou sempre mais e não teve mais condições de dedicar-se a um dia de trabalho sequer. O patrão dos teus irmãos não tem mais trabalho para eles e estão em casa desempregados. Quase todos os objetos de algum valor foram penhorados. Todavia, em meio a tantos males, temos uma grande consolação, a resignação à vontade de Deus. Teu pai mostra uma paciência própria de um cristão. Nos seus incômodos, ele reconhece a mão de Deus e muitas vezes diz: na juventude me entreguei aos prazeres, agora é justo que eu sofra na velhice: se Deus me manda esses males é sinal de que quer salvar a minha alma. Escrevo-te essas coisas para informar-te da situação da nossa casa. Certamente tu não podes mandar-nos nenhuma ajuda, mas pelo menos podes rezar ao bom Deus para que nos abençoe a todos. A Santa Virgem te conserve sempre bom. Aceita a saudação de toda a tua família.

Tua mãe afeiçoadíssima.

Recebida a carta, Pedro ficou aflito e, buscando conforto, contou seu sofrimento a alguns dos seus amigos mais íntimos, que como ele queriam levar uma vida de jovens honestos e morigerados. Estes são os mesmos que, tendo recebido de Pedro muitos favores, quiseram dar-lhe de presente os doze francos para que pudesse ajudar um pouco seu pai. Pedro respondeu imediatamente à sua mãe; a carta, da qual possuo cópia e que aqui transcrevo, dizia assim:

Cágliari, 5 de setembro de 1854

Querida mamãe,

Louvai a divina Providência, mamãe, confiemos sempre em Deus, ele nos recomendou que antes de tudo buscássemos a sua glória, prometendo-nos que ele mesmo acrescentaria o necessário para a nossa vida.

Alguns amigos meus, sabendo das nossas necessidades, deram-me doze francos para vos enviar; eu acrescento mais doze, que poupei durante vários meses. Recebereis, portanto, um vale postal de 24 francos. Essa quantia certamente é pequena diante da quantidade das vossas necessidades, mas reavivemos a nossa fé, a Providência divina que cuida de nós hoje, também cuidará amanhã. Lamento muito que a doença de meu pai esteja piorando. Todavia, dissei-lhe da minha parte que também nisto devemos nos consolar; a estrada das flores e dos prazeres não leva para o céu; os espinhos, as tribulações, como são a miséria e as doenças, são sinais especiais da benevolência por parte de Deus que chama *bem-aventurados os atribulados e os que sofrem*; certamente ele os chama bem-aventurados por causa do grande prêmio que preparou para eles no céu. Por isso, meu conforto cresce diante das notícias que me dais, isto é, que meu pai, nos seus sofrimentos, está plenamente resignado à vontade divina, sinal claro de que a graça de Deus está com ele. Dissei aos meus irmãos que se esforcem para ocupar-se em alguma coisa, num trabalho ou noutro; e enquanto não tiverem encontrado trabalho, que frequentem a escola e aprendam bem a ler e escrever; isso será sempre de alguma utilidade para eles. Para isso, anexo aqui um bilhete para o meu antigo professor, no qual peço que dê um pouco de aula para os meus irmãos enquanto não estiverem ocupados com outras coisas. Ele me queria muito bem e espero que, além dos benefícios feitos, queira ainda acrescentar mais este de dar um pouco de aula para os meus irmãos.

Creio que neste ano meu irmão mais novo deseja fazer a sua primeira comunhão. Fico muito contente com isso, porque ele é bom. Procurai ajudá-lo, todos, para que ele faça tudo direitinho. Porque, como se diz, quem fizer bem a primeira comunhão é quase certo que irá para o paraíso. – Instruí-o vós ali em casa o mais que puderdes, recomendai-o ao professor para que o faça estudar bem o catecismo. Mandai-o confessar-se com frequência, recomendando-lhe sempre que se confesse bem e que nada esconda ao confessor.

De uns meses para cá ajudo um meu superior a escrever; prometeu-me uma gratificação; apenas a tiver em mãos, escreverei de novo e a enviarei.

Querida mamãe, amo tanto minha família que nunca pararia de escrever porque me dá a impressão de estar conversando convosco. Mas estou chegando ao fim da folha e por isso termino minha carta pedindo-vos que digais a meu pai que nesta cidade há uma bela igreja dedicada à Virgem Maria, onde eu vou todas as noites fazer uma oração por ele a fim de que possa sarar ou ter paciência; mas que de qualquer forma ele possa cumprir a vontade de Deus. Recomendai sempre, insistindo com os de nossa casa, a santificação dos dias de preceito e particularmente a pregação.

Deus vos ajude, querida mamãe, saudai todos os nossos parentes, e eu sou sempre o vosso

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

Esta carta e esta ajuda não chegaram a tempo a fim de socorrer o pai; ele tinha falecido havia três dias. A mãe, apenas recebida a carta de Pedro, imediatamente mandou escrever outra para comunicar-lhe a dolorosa perda do pai; a carta diz assim:

Turim, 10 de setembro de 1854

Amadíssimo Pedro,

A tua carta, Pedro, não chegou a tempo para confortar teu pai. Ele faleceu no dia seis deste mês. Chora e consola-te. Perdeste um pai, mas ele foi para o céu. Há quatro anos, ele estava continuamente sujeito a muitos incômodos; há três meses vivia imóvel na cama; sofreu muito, mas a resignação nunca o abandonou. Durante estes últimos três meses confessou-se várias vezes, recebeu o Viático duas vezes; foi-lhe administrado em tempo o sacramento da extrema-unção; pôde receber também a bênção papal; e devolveu sua alma ao Criador no dia seis, às onze e meia da noite, assistido pelo nosso padre, que lhe recomendou a alma até o último respiro. Algumas horas antes de morrer, chamou toda a família ao redor da sua cama e nos recomendou que nos amemos uns aos outros. Somos pobres, ele dizia, mas seremos muito ricos se tivermos o temor de Deus. Amai a Deus, e começai a amá-lo desde a juventude. Rezai por mim neste momento e depois da minha morte. Dito isso, volveu seu olhar apagado ao redor do leito: e Pedro, disse, o meu Pedro! Ah, o meu Pedro não está aqui! Dizei-lhe que reze por mim, ele... sim, ele salvou a minha alma. Pedro, quanto te amo, Pedro!... Queria ainda dizer outras coisas, mas não consegui mais falar.

Nós ainda estamos submersos numa profunda dor.

Recebi os vinte e quatro francos que me mandaste; agradece da minha parte teus generosos colegas que te fizeram o presente de doze francos. Essa quantia serve para pagar algumas dívidas feitas nos últimos dias da doença do teu pai. Os teus irmãos estão de novo trabalhando junto a um bom patrão. Nós aqui rezamos três vezes ao dia pela alma do teu pai, reza também tu conosco, reza também por mim, que sou

Tua mãe que está sofrendo muito.

A notícia da morte do pai foi um duro golpe para o terno coração de Pedro. Não conseguiu terminar a leitura da carta. Retirou-se à parte para poder desafogar a intensa comoção de sua alma. Chorou várias horas: naquele dia não conseguiu se alimentar. Alguns amigos queriam consolá-lo, mas ele respondia: se quiserem me consolar, deixem-me chorar a morte do meu pai. – Seu único conforto consistia em ir para a igreja e depor seus sofrimentos aos pés do crucifixo: meu Jesus, dizia, recebei a dor que sinto, em penitência pelos meus pecados e em sufrágio pela alma do meu pai. Sim, papai, eu vos amei tanto durante a vida, e vos amo ainda agora que não estais mais conosco: Deus vos conceda o repouso eterno; sim, meu querido pai, eu rezarei muito a Deus para que vos conceda quanto antes o paraíso.

Na noite daquele dia foi até seu superior e lhe pediu vinte e quatro horas de licença para acertar alguns assuntos referentes à morte do seu pai. O superior lhe disse palavras de conforto e de bom grado aceitou seu pedido. Empregou todo esse tempo em obras de piedade para sufragar a alma do seu pai. Fez a sua confissão e comunhão, ouviu diversas missas; depois do almoço fez diversas visitas ao Santíssimo Sacramento, fez a *Via Sacra*, recitou o terço de Nossa Senhora com outras orações. No fim do dia, como quem cumpre um dever muito importante, Pedro se acalmou e disse a si mesmo: fiz tudo o que podia pela alma do meu pai; afligir-me ainda mais certamente não lhe agradaria, nem lhe seria de alguma utilidade. Portanto, ânimo alegre e resignação. Depois, tomou um papel e escreveu a seguinte carta para sua mãe:

18 de setembro de 1854

Querida mamãe,

A vossa carta, mamãe, me causou toda a dor que um filho pode provar pela perda do seu terno e amado pai. Chorei, suspirei, mas dado que as

aflições não sufragam os falecidos, recorri à religião. Pedi um dia de licença, que consegui com facilidade, e empreguei-o todo em obras de piedade para sufragar a alma do meu pai. Mitigai também vós os vossos sofrimentos, continuai a rezar por ele, e para o futuro diremos com mais afeto: pai nosso, que estais nos céus; porque tenho viva fé de que a este momento meu pai já esteja no paraíso. Agradecemos a Deus que lhe concedeu tempo para receber todos os sacramentos. Isso deve servir para nós de grande conforto. Domingo, ide todos à igreja para ouvir uma missa a mais, e os que puderem, que façam a sua comunhão pela alma dele.

Se Deus dispuser que eu possa voltar para casa, quero dar-vos todas as consolações que um bom filho pode dar à sua mãe: amor, obediência, respeito, diligência nos meus deveres, e o que mais vos está a peito, assiduidade às práticas religiosas, são coisas que desde agora vos prometo.

Voltarei a vos escrever daqui a algum tempo, quando meu coração estiver mais tranquilo. Dizei a meus irmãos e às minhas irmãs que o trabalho os torna bons cidadãos; mas que trabalho e religião conduzem ao céu. Deus vos conceda a verdadeira felicidade. Entretanto, vós, mamãe, crede-me sempre

Vosso afeiçoadíssimo filho Pedro.

*Capítulo XII. Partida para a Crimeia*⁸

A situação da família de Pedro depois da morte do pai pareceu melhorar um pouco. Uma tia levou para criar uma irmã de Pedro de oito anos, que assim deixou de depender da própria mãe. Os dois irmãos maiores encontraram trabalho com um patrão de quem recebiam, entre ambos, oito francos por semana. Uma irmã de treze anos também começou a trabalhar como costureira, recebendo dois francos por semana.

O próprio Pedro, ao ser feito cabo, também pôde mandar alguma coisa para ajudar a família; destinou-lhe dez francos por mês. A boa mãe juntava todas essas pequenas quantias e, com iniciativa e um pouco de economia, conseguia resolver todos os seus problemas.

A situação de Pedro estava nessa altura quando foi concluído um tratado de aliança entre o nosso governo, a França e a Inglaterra, em força do qual

⁸ Crimeia: península da Ucrânia entre o Mar Negro e o Mar de Azov. Guerra da Crimeia (1853-1856), conflito entre a Rússia e uma aliança composta pelo Império Otomano, a França, a Grã-Bretanha e o reino da Sardenha.

quinze mil soldados do Piemonte deviam ir para a Crimeia combater contra os russos. Entre os regimentos destinados a essa expedição estava também o de Pedro. Ele sabia que sua mãe haveria de sofrer grande aflição ao receber a notícia; por isso, devendo comunicar-lhe esse fato, assumiu um ar alegre, como quem vai dar um passeio para se divertir. Eis como ele escreveu para a própria mãe.

Cágliari, 12 de março de 1855

Querida mamãe,

Boas notícias, mamãe; estou para fazer uma viagem sem custos e despesas. Transporte, comida, roupas, permanência, volta (quando voltarmos) tudo grátis. Fomos avisados de estarmos prontos para partir para a Crimeia. Alguns se assustaram só de ouvir esse nome; eu não; meu dever quer assim, eu parto de bom grado. O mundo é um exílio. Quer eu fique na Sardenha, quer retorne para o Piemonte ou vá para a Turquia, estou sempre neste exílio num vale de lágrimas, a nossa pátria é o céu.

Não pensem que eu diga isso por leviandade: a primeira preparação foi a da alma, minha consciência está tranquila. Eu me encontro nas mãos de Deus, se tiver que morrer em batalha, morrerei com honra e espero também morrer como bom cristão. Se eu puder retornar, saberei contar-vos alguma coisa sobre aquelas bandas. Chegando a meu destino, escreverei. Continuai a cuidar da família, e se não pudermos nos encontrar a todos neste mundo, nos encontraremos depois na eternidade com o nosso pai que nos espera. Adeus, querida mamãe, adeus, ficai alegre: eu sou sempre o vosso

Afeiçoadíssimo Pedro.

Como dissemos, Pedro escreveu essa carta com expressões alegres para que não causasse muita aflição para a mãe. Mas ela, ao contrário de se alegrar, ficou profundamente triste. Eu procurei consolá-la, fazendo-lhe notar que seu filho, no exército, tinha como tarefa a escrituração e por isso, na Crimeia, dificilmente deveria encontrar-se com o inimigo; que se consolasse porque tinha um filho tão corajoso e tão virtuoso. Então, a boa mãe, mais resignada do que consolada, me encarregou de escrever-lhe uma carta, na qual lhe recomendei calorosamente que tomasse muito cuidado em não ofender a Deus, que para ela seria menos doloroso saber que morreu em batalha do que tinha

manchado sua alma com o pecado. De bom grado executei essa tarefa, e na carta acrescentei todas as reflexões que me pareceram oportunas para o caso. Ele respondeu prontamente, e dado que a resposta está repleta de sentimentos positivos e sinceros, julgo bom transcrevê-la ao pé da letra, com o pedido de não dar importância às expressões que se referem a mim.

Cágliari, 4 de abril de 1855

Caríssimo amigo,

Imagine com que prazer recebi sua carta! Cada palavra foi bálsamo precioso para mim. O senhor me pergunta se ainda sou um bom rapaz, se o meu coração ainda é bom. Sim, querido Dom Bosco⁹, direi com simplicidade que o meu coração é o mesmo de quando eu tinha doze anos e o senhor me conheceu. Só a distância me impede de ir ao Oratório, mas diga a todos os meus amigos que as regras da Companhia de São Luís são sempre a guia do meu comportamento. O livro que me deu de presente no momento da partida, eu o conservo ciosamente e leio um pouco todos os dias. Trouxe comigo os propósitos da minha primeira comunhão, leio-os uma vez por mês, e até mais frequentemente, procurando praticá-los com solicitude. O senhor me diz que deseja de todo o coração a salvação da minha alma. Eu o creio e o senhor sempre me demonstrou isso. Da minha parte, posso garantir-lhe que farei todo esforço para me salvar. Já encontrei perigos gravíssimos, mas a Bem-aventurada Virgem Maria sempre me ajudou, e consegui superá-los sem ofender a Deus.

Eu recomendo que procure confortar minha mãe, que eu creio estar muito aflita porque devo partir para a Crimeia. Recomendo também que inculque em meus irmãos o temor de Deus. Cuide da alma deles como cuidou e ainda agora mostra cuidar da minha. Em suma, faça com que parentes, amigos, irmãos e irmãs, todos nos possamos salvar.

Ainda não sabemos o dia da nossa partida, mas certamente será logo. Quem sabe se voltarão os belos dias em que poderei retornar ao Oratório e gozar da amena companhia dos amigos e com eles frequentar as práticas religiosas como se fazem ali! Não esqueça o pacto que fizemos. Eu rezo todos os dias um *Pai-nosso* a São Luís, o senhor se lembre de mim na santa missa.

Saúdo-o cordialmente, e de todo coração me professo agora e sempre em Jesus Cristo,

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

⁹ [...].

Capítulo XIII. Suas aventuras na Crimeia

Realmente, Pedro partiu poucos dias depois de ter escrito essa carta. Da sua viagem, da chegada e da sua estada na Crimeia, por ora não podemos saber outra coisa senão o que ele escreve em duas cartas à sua mãe, que é tudo o que podemos saber a respeito deste virtuoso militar. A primeira é a seguinte.

Do Campo do Oriente, 26 de maio de 1855

Querida mamãe,

Hoje é o dia em que finalmente posso escrever-vos alguma coisa. Começo por dizer-vos que estou muito bem de saúde; quanto ao mais, conto alguma coisa de tudo o que andei vendo. Parti das praias da Sardenha no dia primeiro de maio num navio que é parecido com os barcos que vós vedes no rio Pó, mas que se pode dizer cinquenta vezes maior. Passamos doze dias viajando. Quando a gente está no alto mar, só se vê água por todos os lados. Muitos dos meus companheiros sofreram um bocado por causa da viagem, três deles morreram por causa do mal de mar (vômitos). Puderam confessar-se com um frade, não, porém, receber a comunhão porque não havia o Santíssimo Sacramento a bordo. Senti muita pena ao ver a maneira como foram sepultados. Foi amarrada uma pedra nos pés e outra nas pernas e depois os corpos jogados ao mar; logo afundaram, quem sabe até que profundidade... Depois de sete dias de viagem chegamos a um mar muito estreito que se chama *Dardanelos*, em seguida apareceu uma grande cidade chamada Constantinopla. Lá perto paramos um dia e eu pude ver os Turcos. Que caras feias! Suas calças parecem sacos; na cabeça usam uma espécie de chapéu de pano enrolado que em cada um poderiam caber cerca de 25 litros* de milho. Não consegui ouvi-los falar porque era proibido sair do navio.

Finalmente, no dia 13, chegamos na Crimeia. Oh, vós direis, mas o que é essa Crimeia?

A Crimeia é como qualquer outro país. Território muito extenso, rodeado de águas por toda parte, menos de um lado, que tem o nome de Pereco, pelo qual está unido à Rússia. Ficamos seis dias parados no navio, em seguida foi autorizado o desembarque. Os primeiros a se encontrar conosco foram os ingleses, que nos acenavam com gestos de amizade, mas eu não entendi absolutamente nada; o que eu pude lembrar foram só estas palavras: *the the italien: the the ilalien pruk*: palavras que eu penso queiram significar: bravos, italianos, bravos!

* “Litro” era, então, a medida para grãos.

Logo nos dividimos, alguns para cá, outros para lá, conforme as ordens superiores. Alguns regimentos dos nossos já tinham desembarcado, outros chegaram depois de nós. Vós direis: onde havia casas para tanta gente? Não vos assusteis: o mundo é grande, há lugar para todos. Espaços enormes cobertos de areia, de mato rasteiro, de pedras e algum bosque, eis o chão das nossas casas. O céu azul é a sua cobertura. De fato, poderia haver chão e teto mais belos do que os que foram feitos por Deus? De dia estávamos ocupados em levantar algumas tendas onde se deviam guardar as munições e também abrigar os que ficam doentes. Quanto ao mais, chegando a noite, enrolo na cabeça dois lenços e envolvo o corpo numa grossa coberta de lã, ponho um saco debaixo da cabeça e assim, deitado por terra, durmo até de manhã. Às vezes, porém, somos perturbados por algum tiro de fuzil ou de canhão dado pelos russos para nos assustar; mas eles estão muito longe de nós. Até agora ainda não combatemos contra os russos, mas devemos continuar a combater contra outros inimigos. De dia, sentimos calor que dá a impressão de estar na antecâmara do inferno, com moscas e butucas impertinentes, que não respeitam ninguém, e picam mais ou menos como as nossas vespas. De noite, sentimos frio, há pernilongos e percevejos que voam por todas as partes e que, se não estivermos bem cobertos e defendidos desses pequenos animais, é impossível descansar. Há também outro inimigo: são os piolhos, dos quais todos procuram livrar-se. Até agora este inimigo não pôde fazer grandes progressos entre nós, mas tem-se muito medo pelo futuro, quando começar a faltar a roupa de baixo. O que mais me entristece é que depois da partida da Sardenha não pude mais participar da missa, ouvir alguma pregação, receber a bênção do Santíssimo. Diz-se, porém, que dentro em breve tudo será acertado como convém, e que pelo menos teremos missa nos dias santos.

A carta já é longa demais, tenho muita coisa para contar, por isso vos escreverei novamente em breve. Até agora a Bem-aventurada Virgem Maria me ajudou e ainda não me aconteceu nenhuma desgraça. Saudai etc.

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

Outra carta de 2 de julho de 1855.

Querida mamãe,

Não me foi possível escrever-vos até o dia de hoje. Tive sempre que ir daqui para lá, sem um momento livre. Não tenho mais nem pena, nem tinta, e por isso vos escrevo com o lápis.

Muitos e graves acontecimentos ocorreram depois que vos escrevi. Fomos terrivelmente assaltados pelo cólera-morbo: o número dos mortos

chega a quase dois mil e quinhentos; agora, porém, vai diminuindo, mas há ainda as febres pútridas que são uma espécie de cólera. No dia sete do mês passado, houve uma grande batalha perto de Sebastopol: os franceses e os ingleses venceram. No dia dezoito do mesmo mês houve outra; e embora os aliados tenham feito prodígios de valor, todavia, foram derrotados pelos russos, com grave dano para os nossos. Nessas duas batalhas, entre mortos e feridos, contam-se 18 mil dos nossos e 12 mil dos russos. O número destes é menor porque se encontravam dentro da fortaleza e, por isso, estavam mais defendidos. Agora estamos às vésperas de algum grande acontecimento. O que dá mais pena é pensar que na batalha morrem quase todos com raiva, e em vez de invocar a misericórdia de Deus, como se deveria, a maior parte a blasfema e a amaldiçoa. Quantas almas não estarão indo para o inferno!

Eu de saúde estou muito bem; só me faltam camisas; quanto ao mais, tendo sido acostumado a comer mal em casa, aqui me adapto a qualquer tipo de comida; pelo contrário, os que estavam acostumados a comer e beber bem, agora sofrem: este, um mal, aquele, outro, e não poucos partiram para o outro mundo.

Agora não estou mais adido como escrevente do meu superior, mas fui promovido ao grau de sargento, o que me rende um estipêndio melhor, mas tenho que estar em atividades de serviço e viver em campanha com os outros soldados. Não vos preocupeis em nada comigo. Quanto ao corpo, não preciso de nada; quanto à alma, tenho a consciência tranquila. Se viver, espero viver na graça de Deus; se morrer, espero gozar com ele as alegrias do paraíso. Se deixar passar algum tempo sem vos escrever, não vos preocupeis, pode ser que me falte tempo. Continuei a rezar por mim, e crede-me sempre o vosso

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

Estas são as últimas notícias que temos do nosso Pedro. Agora não sabemos se ele está vivo ou morto. Esperamos, porém, que o céu o conserve para consolação da mãe viúva, para alívio da família e para exemplo de virtude para seus companheiros.

Capítulo XIV. Conclusão

Esta é, querido leitor, a força que tem a boa educação, e podemos dizer, estes são os efeitos da primeira comunhão bem feita. Pedro sempre se

lembrava da promessa feita a Deus de lhe ser fiel, apesar dos maus exemplos e os maus conselhos dos seus companheiros, em muitos dos quais, depois da primeira e segunda comunhão, não se viu nenhuma melhora de vida. Por isso, o comportamento deles foi de mal a pior.

Pedro sabia que o Deus que ele recebera uma primeira vez, queria e mandava recebê-lo pelo menos uma vez por ano, na Páscoa da Ressurreição. Mas ele não se limitava a uma vez por ano, pois, dizia: Como se pode fazer bem uma coisa, se se faz uma só vez por ano? Por isso aproximai-vos do sacramento da confissão e da comunhão com a frequência que vimos.

Muitas mães desejariam ter filhos semelhantes a Pedro pelo seu comportamento, e que são o sustento e a consolação das famílias; mas, em vez disso, os seus filhos, quando jovens, serão fonte de sofrimento para elas e de sua tristeza e desolação quando adultos.

Pais e mães! Se quereis ter filhos bem-educados e que sejam a vossa consolação na idade adulta, imitai a mãe de Pedro, procurai instruí-los na religião, particularmente na primeira infância; ajudai-os e observai se vão à igreja ou se preferem frequentar maus companheiros.

Entretanto, vós mesmos deveis dar-lhes o exemplo; porque seria uma verdadeira loucura se houvesse pais que não se preocupam absolutamente em falar com toda liberdade das atitudes contra os bons costumes ou contra a religião, e às vezes até na presença dos próprios filhos; em ver que eles se divertem nos dias de preceito, precisamente no tempo em que deveriam participar das celebrações sagradas, e depois pretender que os seus filhos sejam bons, moderados e devotos.

Pais e mães! Não nos iludamos! É certo que vós deveis prestar contas rigorosíssimas diante do tribunal de Deus quanto à educação dada aos vossos filhos. É certo que muitos filhos se condenam por terem sido mal educados pelos pais. E é igualmente certo que muitos pais e muitas mães vão para a perdição eterna por causa da má educação dada aos seus filhos.

São estas três grandes verdades que merecem ser consideradas atentamente. Porque é um fato incontestável que, se os filhos são bem-educados, ver-se-á a nova geração em crescimento ser amante da ordem e do trabalho, solícita em ajudar os pais e aliviar a família. Em suma, teremos tempos melhores, filhos que serão a honra da pátria, o sustento das famílias, a glória e o decoro da religião.¹⁰

¹⁰ No original, segue: “Ladainhas pelos falecidos (tradução do inglês)” (pp. [104]-111).

II. O MÉTODO EDUCATIVO DE DOM BOSCO NOS DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS COM UM POLÍTICO (1854) E UM PROFESSOR ELEMENTAR (1864)

“Embora confiadas a escritos tardios (1881-1882), podem ser consideradas autênticas duas tomadas de posição de Dom Bosco a respeito do seu sistema educativo em duas conversas de 1854 e de 1864: a primeira com o ministro sardo Urbano Rattazzi, a segunda com um professor elementar”¹¹.

Os dois documentos que registramos aqui em seguida apresentam aspectos peculiares no âmbito dos textos e dos testemunhos que repropõem o pensamento pedagógico de Dom Bosco, particularmente se se considera a maneira com que seu conteúdo é articulado. O primeiro documento fornece o relato da conversa tida em 1854 com Urbano Rattazzi¹². No segundo, o interlocutor é Francisco Bodrato¹³, professor elementar de Mornese (Alessândria). Este diálogo de Bodrato com Dom Bosco ocorreu dez anos mais tarde, em 1864, mas o núcleo central da reconstrução dos conteúdos é semelhante.

A situação de partida é, nos dois relatos, praticamente idêntica: Rattazzi e Bodrato, no encontro com o fundador de Valdocco, embora em datas e lugares diferentes, ficam impressionados com o comportamento exemplar dos numerosos jovens de que está rodeado o padre piemontês. Por isso, pedem um encontro particular com Dom Bosco, com a finalidade de conhecer o método educativo e o modo com que esse método é aplicado na prática.

A redação mais próxima aos fatos traz a data de 1881 (ainda em vida de Dom Bosco). A narração da conversa com Rattazzi foi publicada no Boletim Salesiano (1882), provavelmente aos cuidados de João Bonetti, redator principal da revista. O diálogo com o professor de Mornese é reproduzido em Dados biográficos do sacerdote Francisco Bodrato.

Parece muito provável que os acenos a “dois sistemas de educação” que emergiram na conversa com Rattazzi tenham sido sugeridos pelas páginas do fascículo:

¹¹ P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere...*, p. 136.

¹² Urbano Rattazzi (1808-1873), jurista e político. O texto da conversa com Rattazzi “faz parte dos capítulos VII e VIII da segunda parte da *História do Oratório de São Francisco de Sales*, publicada pelo padre João Bonetti, redator principal do Boletim Salesiano. Portanto, pode-se supor que seja ele mesmo o autor do texto” (DBE, Scritti, p. 76).

¹³ Francisco Bodrato (1823-1880), depois da morte da esposa, tornou-se sacerdote salesiano e missionário na América Latina. O diálogo com Dom Bosco é extraído de *Dados biográficos sobre o sacerdote Francisco Bodrato*, do qual existem o texto manuscrito autógrafo de Carlos Cays (1813-1882) e o “esboço impresso” em ASC B220 *Bodrato Francesco*; cf. DBE, Scritti, pp. 77 e 191.

O Sistema preventivo na educação da juventude de 1877.¹⁴ *Consideração análoga se deve fazer a respeito da redação do diálogo com Bodrato. Em todo caso, os dois documentos têm especial interesse para conhecer o pensamento pedagógico e a praxe educativa de Dom Bosco, como também o desenvolvimento dos mesmos.*

148. Conversa com o político Urbano Rattazzi

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 78-87.

Sem referir-nos à sua política, observamos, para bem da verdade, que o advogado Rattazzi, como deputado e como ministro, sempre viu com bons olhos o nosso Oratório e o internato. Costumava dizer que o governo era obrigado a proteger essa instituição porque cooperava eficazmente em diminuir os moradores das prisões e em formar sábios cidadãos, enquanto ao mesmo tempo prepara bons cristãos; e ele mesmo dava o exemplo.

Por isso, animava Dom Bosco a prosseguir na sua obra, enviava-lhe ajuda, recomendava-lhe jovens; chegou mesmo a confiar-lhe um jovem primo seu, de nome César Rattazzi, para que o reduzisse a bons sentimentos e a pensamentos mais ajuizados. Sempre que assumia o ministério, dignava-se fazer saber a Dom Bosco que não devia ter medo de nada. Ele começou a alimentar essas benévolas disposições desde que conheceu pessoalmente Dom Bosco e que, de modo incógnito, veio ao nosso Oratório. O fato merece ser assinalado.

Era um domingo de manhã do mês de abril de 1854, pelas dez horas e meia. Os jovens do internato, junto com muitos outros externos, estavam pela segunda vez na igreja; tinham cantado as matinas e as laudes em honra de Nossa Senhora, ouvido a missa, e Dom Bosco, no púlpito, contava um episódio da *História eclesíastica*, já iniciado tempos atrás. Naquele momento entra pela porta externa da nossa igreja um senhor que ninguém e nem mesmo Dom Bosco conhecia. Vendo que se estava pregando, sentou-se num dos bancos destinados aos fiéis no fundo da igreja, e ficou ouvindo a pregação até o fim.

Dom Bosco tinha iniciado no domingo anterior a contar a vida do papa São Clemente, e naquela manhã relatava como o santo pontífice, por ódio à religião cristã, fora mandado pelo imperador Trajano para o exílio no Quersoneso, hoje Crimeia, onde naquele ano começava a guerra a que acenamos acima.

¹⁴ Cf. Pietro BRAIDO, *Breve storia del "Sistema Preventivo"*. Roma, LAS 1993, p. 98.

Terminada a narração, costumava interrogar, dentre os jovens, aqueles que tivessem alguma pergunta a fazer a respeito do assunto ou alguma conclusão moral que pudesse ser extraída do episódio da história. Dessa forma, ele nos obrigava a estarmos mais atentos e ao mesmo tempo conferia à narração um interesse mais vivo. Fazendo o mesmo naquela manhã, chamou um dos jovens externos. Este, contrariamente a qualquer expectativa, fez uma pergunta em si apropriada, mas inoportuna para o lugar, e também perigosa para aqueles tempos.

Ele disse: “Se o imperador Trajano cometeu uma injustiça ao expulsar de Roma e mandar para o exílio o papa São Clemente, fez mal também o nosso governo em exilar o nosso arcebispo dom Fransoni?”. – A esta pergunta inesperada, Dom Bosco, sem se descompor, respondeu: – “Aqui não é lugar para dizer se o nosso governo fez bem ou mal em mandar para o exílio o nosso venerado arcebispo; este é um fato do qual se falará a seu tempo; o certo é que em todos os séculos e desde o princípio da Igreja, os inimigos da religião cristã sempre visaram seus chefes, os papas, os bispos, os sacerdotes, porque creem que, eliminadas as colunas do edifício e ferido o pastor, as ovelhas se dispersam e se tornam presa fácil para os lobos rapaces.

Nós, portanto, quando ouvimos ou lemos que este ou aquele papa, este ou aquele bispo, este ou aquele sacerdote foi condenado a uma pena, como, por exemplo, ao exílio, à prisão e ou mesmo à morte, não devemos crer imediatamente que ele era verdadeiramente culpado como afirmam, pois poderia acontecer que fosse vítima do seu dever, um confessor da fé, um herói da Igreja, como foram os apóstolos, os mártires, tantos papas, bispos, sacerdotes e simples fiéis. Além disso, tenhamos sempre presente que o mundo, o povo hebreu e Pilatos condenaram à morte de cruz como blasfemo e subvertedor do povo o próprio divino Salvador, ao passo que era verdadeiro Filho de Deus, tinha recomendado a obediência e a submissão aos poderes constituídos, ordenado dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Ditas ainda algumas palavras sobre o dever de ser fortes na fé e na devoção e de ter respeito pelos ministros da Santa Igreja, Dom Bosco desceu do púlpito, e nós, recitado o tradicional *Pai-nosso* em honra de São Luís Gonzaga, e cantado o costumeiro *Louvado seja sempre o nome de Jesus e de Maria*, saímos da capela pela porta lateral. Depois de nós, saiu também o senhor desconhecido, que veio para o pátio, pedindo para falar com Dom Bosco. Este já tinha subido para seu aposento, e o dito senhor foi acompanhado até ele por um jovem.

Depois dos cumprimentos, entre Dom Bosco e Rattazzi se iniciou um breve diálogo ouvido pelo jovem que o acompanhara, o qual, segundo o cos-

tume daqueles tempos benditos, após introduzir o visitante, tinha ficado ali até que Dom Bosco o dispensasse por não precisar de nada. O diálogo é este.

Dom Bosco – Poderia saber com quem tenho a honra de falar?

Rattazzi – Com Rattazzi.

Dom Bosco – Com Rattazzi! Aquele grande Rattazzi (*coul gran Ratass*)*, deputado, ex-ministro da câmara e agora ministro do rei?

Rattazzi – Exatamente.

Dom Bosco – Portanto (sorrindo) posso oferecer os pulsos às algemas e preparar-me para a sombra da prisão.

Rattazzi – E por qual motivo?

Dom Bosco – Por aquilo que vossa excelência ouviu minutos atrás na igreja a respeito do senhor arcebispo.

Rattazzi – Absolutamente não. Deixando de lado a pergunta do rapaz se foi ou não oportuna, o senhor respondeu e se saiu muito bem, e nenhum ministro deste mundo poderia fazer-lhe a mínima observação, embora eu seja do parecer que não é conveniente tratar de política na igreja, menos ainda com rapazes que ainda não são aptos a fazer o devido juízo; todavia, não se devem negar as próprias convicções diante de ninguém. Acrescente-se ainda que num governo constitucional, os ministros são responsáveis por suas próprias ações, que podem ser analisadas por qualquer cidadão e por isso também por Dom Bosco. Eu mesmo, embora nem todas as ideias e os atos de dom Fransoni me agradem, estou contente que a severa medida contra ele não tenha sido tomada durante meu tempo de ministro.

Dom Bosco – Se é assim, concluiu jocosamente Dom Bosco, posso estar tranquilo que vossa excelência, desta vez, não me mandará para a cadeia, e me deixará respirar o ar livre de Valdocco. Então falemos de outras coisas.

Depois deste divertido início, houve uma conversa séria de quase uma hora; e Rattazzi, com uma enfiada de perguntas, quis saber em detalhes a origem, o escopo, o progresso, os frutos da instituição do Oratório e do internato anexo; sendo homem de bom coração, ficou tão bem impressionado que, a partir daquele dia, como dissemos acima e como ainda veremos, tornou-se seu advogado e protetor.

Este foi para nós um gesto especial da Providência, pois, dado que cada ano a situação dos tempos se tornava sempre mais difícil e que Rattazzi teve

* A expressão “*coul gran Ratass*”, em dialeto piemontês, significa: “*aquele grande Rattazzi*”; entretanto, com boa dose de malícia em relação ao político, também pode significar: “*aquele grande ratão*”.

em suas mãos diversas vezes o governo, sendo sempre um personagem muito influente, o nosso Oratório encontrou nele total apoio, sem o qual teria sofrido fortíssimos abalos e também gravíssimos danos. Ao passo que foi o contrário. Parece que Nosso Senhor quis servir-se dele para fazer-nos o bem e para que não sofrêssemos nenhum mal, como para a mesma finalidade, sob o rei Nabucodonosor, se serviu de um poderoso ministro em favor do jovem Daniel e seus companheiros. Deus nunca muda. Ele é sempre Pai providente. Feliz de quem o ama e nele confia.

Entre as várias perguntas que o senhor Rattazzi fez a Dom Bosco, uma foi a respeito do meio que ele usava para conservar a ordem entre tantos jovens que afluíam para o Oratório.

– Vossa senhoria, por acaso, não dispõe de pelo menos dois ou três guardas civis uniformizados ou disfarçados, sempre atentos a algum sinal de sua parte?

– Excelência, não são necessários absolutamente.

– Possível? Mas estes seus jovens não são diferentes dos jovens do mundo inteiro; no mínimo, são indomáveis, insubordinados, briguentos. Que repreensões, que castigos usa para freá-los e para impedir desordens?

– A maior parte desses jovens de fato são “desenfreados”; apesar disso, para impedir desordens, aqui não se usa de violência, nem de castigos de nenhuma espécie.

– Isto me parece um mistério; por favor, explique-me o segredo.

– Vossa excelência sabe que há dois sistemas de educação: um é chamado Sistema Repressivo, o outro, Sistema Preventivo. O primeiro se propõe educar o homem mediante a força, reprimindo e punindo a pessoa sempre que violar a lei ou cometer um delito. O segundo procura educar mediante a doçura, por isso ajuda o jovem com suavidade a observar a própria lei, e lhe fornece os meios mais adequados e eficazes para tal finalidade; é precisamente este o sistema que vigora entre nós.

Antes de tudo, aqui se procura infundir no coração dos jovens o santo temor de Deus; inspira-se neles o amor à virtude e o horror ao vício, mediante o ensino do catecismo e adequadas instruções morais; são encaminhados e sustentados no caminho do bem por meio de oportunas e amorosas orientações, especialmente mediante práticas de piedade e de religião.

Além disso, são acompanhados, na medida do possível, por uma amorosa assistência durante os recreios, na escola, no trabalho; são encorajados

com palavras cheias de benevolência, e apenas esquecem seus deveres, são chamados à atenção com bons modos e bons conselhos. Numa palavra, usam-se todas as iniciativas que a caridade cristã sugere para que façam o bem, fujam do mal, por princípio de uma consciência iluminada e sustentada pela religião.

– Certamente este é o método mais adaptado para educar criaturas racionais; mas ele é eficaz para todos?

– Para noventa por cento, este sistema produz efeitos confortadores; para os outros dez por cento, pelo menos exerce um influxo benéfico, de modo que os jovens se tornam menos teimosos e perigosos, o que me leva muito raramente a ter que mandar embora um jovem indomável e incorrigível. Tanto neste Oratório, quanto nos oratórios de Porta Nuova e de Vanchglia, apresentam-se ou são encaminhados jovens que, por má índole ou por indocilidade ou também por malícia, já foram o desespero dos pais e dos patrões, e ao cabo de poucas semanas não parecem mais eles mesmos; de lobos, podemos dizer, se transformaram em cordeiros.

– Pena que o governo não esteja em condições de adotar esse método nos seus estabelecimentos penais, onde, para reprimir desordens, são necessárias centenas de guardas, e os presos se tornam cada vez piores.

– E o que impede ao governo de seguir este sistema nos seus institutos penais? Que se introduza a religião; que se estabeleça o tempo oportuno para o ensino religioso e as práticas de piedade; que se dê a eles, por parte de quem está à sua frente, a importância que merecem; que se deixe entrar lá com frequência o ministro de Deus e se permita que ele se entretenha livremente com aqueles coitados, diga-lhes uma palavra de amor e de paz, e então o método preventivo terá sido plenamente adotado. Depois de algum tempo, os guardas não terão mais nada ou muito pouco a fazer; mas o governo terá o orgulho de restituir às famílias e à sociedade cidadãos moralizados e úteis. Do contrário, gastará dinheiro para corrigir ou punir por um tempo mais ou menos longo um grande número de desordeiros e culpados, e quando os tiver posto novamente em liberdade, terá que continuar a vigiá-los, para prevenir-se contra eles, porque estarão sempre prontos a fazer ainda pior.

Na linha desse tipo de considerações, Dom Bosco continuou a falar por um bom tempo; e como desde 1840 ele conhecia a situação dos presos, jovens e adultos, porque, seguindo o exemplo do senhor padre Cafasso e do teólogo Borel, visitava frequentemente aqueles pobres coitados, assim pôde mostrar ao ministro do Interior a eficácia da religião para a reabilitação moral

das pessoas. Ao ver o sacerdote de Deus, ele acrescentou, ao ouvir a palavra de conforto, o preso lembra os anos saudosos em que participava do catecismo, os conselhos do pároco ou do professor, reconhece que caiu naquele lugar de sofrimento porque parou de frequentar a igreja, ou porque não pôs em prática os ensinamentos que nela recebera; de tal modo que, lembrando essas suaves recordações, quase sempre sente que o coração se comove, uma lágrima umedece seus olhos, arrepende-se, sofre com resignação, resolve melhorar seu comportamento e, descontente a pena, reentra na sociedade disposto a resgatá-la dos escândalos que ele deu.

Ao passo que se se elimina o amável aspecto da religião e a doçura das suas orientações e das suas práticas; se o jovem é privado de conversas e conselhos de um amigo da alma, o que será do pobrezinho naquele recinto de ódio? Nunca convidado por uma palavra amorosa a elevar o espírito das coisas da terra; nunca animado a refletir que, pecando, ofendeu, não somente as leis do Estado, mas a Deus, supremo legislador; nunca estimulado a pedir-lhe perdão, nem a sofrer sua pena temporal no lugar da eterna que Deus lhe quer perdoar, ele, na sua situação miserável, não verá outra coisa senão a desgraça de uma sorte adversa; e assim, em vez de banhar suas cadeias com lágrimas de arrependimento, haverá de mordê-las na sua mal reprimida raiva; em vez de propor mudança de vida, se obstinará ainda mais no mal; dos seus companheiros de punição aprenderá novas malícias e com eles combinará o modo de um dia delinquir ainda mais cuidadosamente, a fim de não recair nas mãos da justiça, não porém para se tornar melhor e ser um bom cidadão.

Dom Bosco, aproveitando da ocasião favorável, apontou para o ministro a utilidade do Sistema Preventivo, particularmente nas escolas públicas e nas casas de educação, onde é preciso cultivar ânimos ainda isentos de delitos; ânimos que se dobram docilmente à voz da persuasão e do amor. Sei muito bem, concluiu Dom Bosco, que promover este sistema não é tarefa da pasta de vossa excelência, mas uma reflexão sua, uma palavra sua, sempre terá um grande peso nas deliberações do ministro da Instrução Pública.

O senhor Rattazzi ouviu com vivo interesse estas e outras observações de Dom Bosco; e, convencido plenamente da bondade do sistema em uso nos oratórios, de sua parte, prometeu fazê-lo preferir a qualquer outro nos institutos do governo. Se depois manteve a palavra, o fato é que também a Rattazzi faltava às vezes a coragem de manifestar e defender as próprias convicções religiosas.

149. O diálogo entre Dom Bosco e o professor Francisco Bodrato

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 187-198.

Não satisfeito com a simples admiração, Bodrato queria saber alguma coisa a mais, e foi para isto que pediu a Dom Bosco para ter com ele uma conversa particular; sendo atendido na mesma tarde, perguntou-lhe qual era o segredo que ele tinha para dominar tantos jovens a ponto de torná-los obedientes, respeitosos e dóceis, nada a mais podendo desejar.

O educador deve estar persuadido de que todos, ou quase todos estes queridos jovens, têm uma inteligência natural para conhecer o bem que lhes é feito pessoalmente, e ao mesmo tempo são dotados de um coração sensível, facilmente aberto ao reconhecimento.

Quando, com a ajuda de Deus, se consegue fazer penetrar nas suas almas os principais mistérios da nossa santa religião e que, sendo Deus puro amor, nos recorda o imenso amor que ele teve para com o ser humano; quando se consegue fazer vibrar no seu coração a fibra do reconhecimento que se deve a Deus pelos benefícios que generosamente nos concedeu; quando finalmente, com os recursos da razão, os jovens ficarem persuadidos de que o verdadeiro reconhecimento a Deus deve traduzir-se em cumprir sua vontade, em respeitar seus preceitos, especialmente os que inculcam a observância dos nossos deveres recíprocos; acredite, grande parte do trabalho educativo já foi realizado.

A religião nesse campo exerce a tarefa do freio na boca do feroso cavaliño, que o domina e submete; a razão cumpre a tarefa da rédea que, fazendo pressão na boca do animal, produz o efeito que dele se quer obter. Religião verdadeira, religião sincera, que domina as ações da juventude, razão que aplica retamente aqueles santos ditames que regulam todas as suas ações, eis em duas palavras compendiado todo o sistema aplicado por mim, do qual o senhor deseja conhecer o grande segredo.

Para terminar essa conversa, Bodrato, por sua vez, retomou o assunto: Reverendo, com a comparação do sábio domador dos jovens cavalos, o senhor me falou do freio da religião e do bom uso da razão para dirigir todas as suas ações. Isto está muito bem, mas me parece que não tratou de um terceiro meio que sempre acompanha o trabalho do domador de cavalos, isto é, o inseparável chicote, que é como o terceiro elemento do seu bom êxito.

A essa observação de Bodrato, Dom Bosco acrescentou: Meu caro senhor, permita observar que no meu sistema, o chicote, que o senhor con-

sidera indispensável, ou seja, a ameaça salutar de futuros castigos, não está absolutamente excluída; observe que muitos e terríveis são os castigos que a religião promete a quem, não levando em conta os preceitos de Deus, ousa desprezar os mandamentos; ameaças severas e terríveis que, sendo lembradas com frequência, não deixarão de produzir seu efeito, tanto mais justo quanto não se limita a ações externas, mas atinge também as ações mais secretas e os pensamentos mais ocultos.

A fim de fazer penetrar ainda mais profundamente a persuasão dessa verdade, acrescentem-se as práticas sinceras da religião, a frequência dos sacramentos e a insistência do educador, e é certo que, com a ajuda de Deus, chegar-se-á mais facilmente ao objetivo de transformar em bons cristãos muitíssimos dentre os mais pertinazes.

Quanto ao mais, quando os jovens estão persuadidos de que quem os dirige quer sinceramente o seu verdadeiro bem, será suficiente como castigo dos recalcitrantes uma atitude reservada, que demonstre a insatisfação interior do educador por se ver mal correspondido nos seus cuidados paternos.

Creia-me, caro senhor, que este sistema é talvez o mais fácil e certamente o mais eficaz porque, com a prática da religião, será também o mais abençoado por Deus. Para dar-lhe uma prova palpável, ousou convidá-lo para vir algum dia ver a aplicação prática nas nossas casas. O senhor é livre de vir passar alguns dias conosco, e espero que no fim da experiência acabe se convencendo de que o que lhe disse é provadamente o sistema mais prático e o mais seguro.

Este convite, feito em parte por brincadeira, em parte também seriamente, impressionou o nosso Bodrato. Agradecendo a Dom Bosco, deixou para outro momento uma resposta mais explícita, levando no coração o pensamento de que talvez em outro momento aceitaria o convite com satisfação.¹⁵

¹⁵ O texto da primeira parte do diálogo é completado por aquele de outra relação, redigida também por Carlos Cays, e referida pelo editor no aparato crítico das variantes: cf. *DBE, Scritti*, pp. 196-197.